



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO

IRABEL MORAES CAMPOS SOARES

**TANTA TINTA: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E
PEDAGÓGICA VIVENCIADA NA DISCIPLINA MONTAGEM DIDÁTICA II**

SÃO CRISTÓVÃO/SE
SETEMBRO, 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO

IRABEL MORAES CAMPOS SOARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Lourdisnete Silva Benevides.

SÃO CRISTÓVÃO/SE
SETEMBRO, 2018



TERMO DE APROVAÇÃO

IRABEL MORAES CAMPOS SOARES

TANTA TINTA: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E PEDAGÓGICA VIVENCIADA NA DISCIPLINA MONTAGEM DIDÁTICA II

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Teatro.

Profa. Dra. Lourdisnete Silva Benevides
Orientadora - DTE/UFS

Prof. Dr. Gerson Praxedes Silva
DTE/UFS

Profa. Dra. Simone Paixão Rodrigues
SEED - SE

SÃO CRISTÓVÃO/SE
SETEMBRO, 2018

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que, de maneira especial, irão ler, analisar, apreciar e utilizar este estudo como bússola norteadora para atividades futuras.

Agradeço, primeiramente a Deus pai misericordioso e bom, pelo dom da vida, pela grandeza do vosso amor e por toda proteção que tens para comigo;

Aos meus pais, Paulo de Souza Campos e Vandete Morais (*in memórian*), por todos os ensinamentos transmitidos, os quais levo para o resto da vida;

As minhas irmãs, sobrinhos e cunhados pelo incentivo e apoio durante a minha trajetória acadêmica;

Ao meu filho Matheus, meu esposo Antônio e meu neto Ryan, pela compreensão dos espaços vazios, devido ao tempo dedicado ao curso acadêmico e as práticas teatrais vivenciadas;

A todos a os a amigos a, em especial Matheus Vinicius, que ainda adolescente, muito me ajudou, a sua mãe Eloina Alves e a sua avó Dilourdes, que cedia sua casa e nos tratava com muito carinho;

A dona Izála, Edna, Franciane, Audevan, Dayane, Maiara, Vandepaula, Anla Laura e Adelmo Santos que sempre contribuíram na realização das tarefas, apoiando e incentivando o meu desenvolvimento nessa trajetória;

A todos os professores, mestres e doutores que me transmitiram seus conhecimentos e pela troca de experiência, em especial ao professor Gerson Praxedes e a minha querida professora orientadora, Lourdisnete Silva Benevides, pelo carinho, respeito e valorização para com os/as alunos/as do curso de teatro, e pelo imenso apoio dado a minha pesquisa.

RESUMO

Essa monografia aborda questões referentes ao processo artístico e pedagógico, vivenciado na disciplina Montagem Didática II, a qual traz como resultado a produção da peça teatral “Tanta Tinta”, de autoria da Profa. Dra. Lourdisnete Silva Benevides. Esse trabalho teve o seu enfoque nas ações colaborativas desenvolvidas pelos discentes do curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Sergipe. O fato se deu no II semestre letivo do ano 2016, sob a coordenação de Benevides, como via de ensino-aprendizagem e baseia-se em diversos conceitos da arte educação, principalmente de poéticas artísticas. A pesquisa destaca a importância da criação coletiva, os desafios apresentados e as dificuldades que os artistas docentes apresentam em trabalhar mediante o processo colaborativo, tendo como problemática o universo lúdico da criança a partir de uma montagem didática. A sua relevância, se encontra, sobretudo, no ensino-aprendizagem considerando, ainda, o processo colaborativo entre os sujeitos envolvidos. A encenação teatral trouxe o universo poético das crianças, através dos poemas infantis de Cecília Meireles, e se justifica, por considerar e legitimar o lugar da criança no processo de sua formação artística e pedagógica, à propósito de objetivos, tais como: compreender a importância das montagens didáticas na formação artística e pedagógica dos discentes em licenciatura em Teatro; considerar a disciplina montagem didática como a ação coletiva de formação artística e pedagógica; compreender as estratégias de formação docente, presente no projeto – processo e produto de uma montagem didática.

Palavras-chave: Formação Docente. Arte e Educação. Teatro. Montagem Didática. Processos Colaborativos.

ABSTRACT

This monograph deals with questions related to the artistic and pedagogical process, experienced in the Teaching Assembly II course, which results in the production of the play "Tanta Tinta", by Doctor Teacher Lourdisnete Silva Benevides. This work had its focus on the collaborative actions developed by the undergraduate students of the Degree in Theater, Federal University of Sergipe. The event took place in the second semester of 2016, under the coordination of Benevides, as a teaching-learning route and is based on several concepts of art education, mainly artistic poetry. The research highlights the importance of collective creation, the presented challenges and the difficulties that the teachers artists present in working through the collaborative process, having as problematic the playful universe of the child from a didactic assembly. Its relevance is mainly found in teaching-learning, considering also the collaborative process among the subjects involved. The theatrical stage brought the poetic universe of the children, through the children's poems of Cecília Meireles, and is justified, by considering and legitimizing the place of the child in the process of his artistic and pedagogical formation, with regard to objectives, such as: understanding the importance of didactic montages in the artistic and pedagogical formation of the students in degree in Theater; consider the didactic assembly discipline as the collective action of artistic and pedagogical training; understand the strategies of teacher training, present in the project - process and product of a didactic assembly.

Keywords: Teacher Training. Art and Education. Theater. Didactic Assembly. Collaborative processes.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I.....	12
A PRESENÇA DA DISCIPLINA MONTAGEM DIDÁTICA NO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/UFS	12
1.1 O PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO UFS... 14	14
1.2 A MONTAGEM DIDÁTICA COMO AÇÃO COLETIVA NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DA LICENCIATURA EM TEATRO.....	17
1.2 OS ELEMENTOS DA CARPINTARIA TEATRAL.....	19
CAPÍTULO II.....	24
A MONTAGEM DIDÁTICA “TANTA TINTA” COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E PEDAGÓGICA.....	24
2.1 O PROJETO DE ENCENAÇÃO: ROTEIRO E DIREÇÃO.....	25
2.2 CONSTRUÇÃO DO PROCESSO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO.....	41
2.3 EQUIPE DISCENTE: A FALA DOS SUJEITOS DO PROCESSO	43
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS	57
ANEXO I:.....	58
IMAGENS DO PROCESSO CRIATIVO E DO PRODUTO CÊNICO “TANTA TINTA”	58
ANEXO II.....	75
ROTEIRO DE TANTA TINTA.....	75

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.	59
Figura II: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016. ...	60
Figura III: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016...	60
Figura IV: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016. .	61
Figura V: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016....	62
Figura VI: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016. .	62
Figura VII: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.	63
Figura VIII: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.	64
Figura IX: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016. .	65
Figura X: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016....	66
Figura XI: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016. .	67
Figura XII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Josielma Lima, 2016.	68
Figura XIII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.	68
Figura XIV: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.	69
Figura XV: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.	70
Figura XVI: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Josielma Lima, 2016.	70
Figura XVII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.	71
Figura XVIII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.	71
Figura XIX: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Josielma Lima, 2016.	72
Figura XX: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Josielma Lima, 2016.....	72
Figura XXI: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.	73
Figura XXII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.	74

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática da criança surgiu a partir da formação artística e pedagógica e se deu após a minha participação na disciplina Montagem Didática II, durante o segundo semestre do ano de 2016, na qual foi possível desfrutar do processo artístico e pedagógico, desenvolvido na peça teatral intitulada “Tanta Tinta”, de autoria da Profa. Dra. Lourdisnete Silva Benevides, também professora da mencionada disciplina, com roteiro baseado em poemas infantis de Cecília Meireles.

Também, pela importância da poesia em nossas vidas em especial no âmbito infantil que, anteriormente, era mais frequente e hoje nem tanto. Contudo, sabemos que a poesia é uma manifestação artística e literária que inova, enaltece e modifica o ser imaginário e capaz de viver com esperança a certeza que através da mesma, possamos alcançar sonhos construídos com palavras que nos retrate um mundo diferenciado cheio de: beleza, flores e cores; natureza, festas e sabores e que nos traga muitos amores.

A temática desta pesquisa, a qual acolhe a experiência de formação artística e pedagógica, está direcionada a questões voltadas para os estudos relacionados ao processo de construção de uma montagem didática e o processo colaborativo da experimentação coletiva, nessa disciplina, e enfoque na utilização de poemas de Cecília Meireles, os quais foram apropriados como pretexto para a experiência dessa prática pedagógica.

A justificativa da pesquisa desenvolvida na montagem didática “Tanta Tinta” tem uma grande relevância pedagógica, sobretudo ao ensino aprendizagem, tendo em vista a importância do processo colaborativo entre os sujeitos envolvidos. Através dos poemas infantis de Cecília Meireles, a encenação teatral trouxe o mundo poético das crianças. Esta é a sua maior importância e se afirma, justamente por considerar e legitimar o lugar da criança no processo da sua formação artística e pedagógica.

A problemática em questão foi investigar como trabalhar pedagogicamente o universo lúdico, referido à criança a partir de uma montagem didática.

A monografia teve como principal objetivo compreender a importância das montagens didáticas na formação artística e pedagógica do/a discente em Licenciatura em Teatro. E como objetivos específicos, considerar a disciplina Montagem Didática como ação coletiva de

formação artística e pedagógica no curso de Licenciatura em Teatro e, ainda, compreender as estratégias de formação docente presentes no projeto – processo e produto - de uma montagem didática.

Como aprofundamento e embasamento teórico para a referida pesquisa, recorri como fonte de estudo, as teorias de Pimenta (1993), que nas suas entrelinhas descreve a importância da criatividade e a capacidade que o ser humano tem de criar, assim enriquecendo esse estudo na qual tem como um dos alicerces principais a criatividade inserida no processo da montagem didática. Para tratar do processo colaborativo, focamos nos ensinamentos de Fisher (2003), Araújo (2017) e o Teatro da Vertigem, responsáveis pela Fundamentação Teórica da presente pesquisa.

A fundamentação metodológica usada para esta pesquisa, à propósito do processo de construção da montagem didática “Tanta Tinta”, classifica-se como qualitativa, do tipo Estudo de Caso, que, segundo Augusto Trivinos,

na pesquisa qualitativa, de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações. É indispensável, não obstante isso, fazer alguns esclarecimentos importantes (TRIVINOS, 1987, p.131).

De acordo com Trivinos,

o que é estudo de caso? É uma categoria de pesquisa cujo o objeto é uma unidade que se analisa aprofundamente. Esta definição determina suas características que são dadas por duas circunstâncias, principalmente. Por um lado, a natureza e abrangência da unidade. Esta pode ser um sujeito (TRIVINOS, 1987, p.133,134).

Em Introdução à Pesquisa, Trivinos cita Bogdan cujas teorias de estudo de caso enriquecem as entrelinhas da análise realizada. Uma das suas definições para fundamentação metodológica são os Estudos de Casos Observacionais, na qual o mesmo encaixa-se perfeitamente no presente estudo. Deste modo,

esta é uma categoria típica, poderíamos dizer, de pesquisa qualitativa. A técnica de coleta de informações mais importante dela é a observação participante, que, lembramos, às vezes, aparece como sinônimo de enfoque qualitativo. O foco de exame pode ser uma escola, um clube, uma Associação de Vizinhos, uma Cooperativa de Produção e Consumo etc (TRIVINOS, 1987, p. 135).

Como procedimentos metodológicos desse trabalho, foram realizadas várias pesquisas e leituras e em meio a essas buscas, foram encontradas pesquisas que tratavam de assuntos relacionados a temática da criança, embora não obtiveram pesquisas que trabalhassem a montagem didática, em paralelo com o processo colaborativo, através do universo lúdico infantil e poético. Também foram efetivadas pesquisas bibliográficas, sites, entrevistas e questionários, com discentes e docentes, para que assim obtivesse um resultado eficaz.

No primeiro capítulo, o trabalho aprecia a presença da disciplina “Montagem Didática” no projeto pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Sergipe; afirma a Montagem Didática como ação coletiva e colaborativa na formação pedagógica do referido curso, além de destacar a importância dos elementos presentes na carpintaria teatral. No segundo capítulo, a pesquisa aborda a Montagem Didática “Tanta Tinta” como estratégia de formação artística e pedagógica, reflete o projeto de encenação teatral, a partir do roteiro elaborado e da direção cênica, a construção desse processo colaborativo e, por fim, contempla a fala da equipe discente envolvida ao longo desse processo de formação humana e política.

CAPÍTULO I

A PRESENÇA DA DISCIPLINA MONTAGEM DIDÁTICA NO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/UFS

A existência da disciplina Montagem Didática (I, II e III), no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe é uma forma de viabilizar o trabalho do fazer teatral, tendo em vista a necessidade de aprofundar importantes conteúdos do curso na sua prática pedagógica, para que ela possa auxiliar futuramente, quando as/os discentes estiverem executando a docência.

Legitimar, pois, a disciplina Montagem Didática, através da sua ementa é promover a troca de experiência entre docente e discente, através da teoria e a prática teatral, aprofundando-se no ensino e na aprendizagem mútua. Sobre essa questão, PIMENTA assegura que:

a criatividade existe em qualquer indivíduo; por exemplo, na capacidade de sonhar e fantasiar. Observamos, no entanto, que certas pessoas possuem uma capacidade peculiar de deixar emergir ideias originais, que, em última análise, compõem as obras de artes (PIMENTA, 1993, p.54).

Neste sentido, observamos a necessidade de criar, desenvolver e desfrutar das experiências proporcionadas através da arte, em paralelo com a didática utilizada nas montagens de peças teatrais, unindo um determinado grupo, seja eles facilitadores ou aprendizes.

A montagem artística pedagógica tem, por sua vez, uma constante semelhança entre a obra e o processo, ou seja, a obra é resultado do percurso traçado durante o processo criativo e as relações estabelecidas entre os indivíduos inseridos na montagem.

O processo de aprendizagem, inserido nessa disciplina, será responsável por criar uma potencialização no fazer teatral, é algo que vem além da sala de aula, trazendo consigo uma bagagem da educação formal e não-formal, o teatro que vem para todos como instrumento transformador. Apresentando métodos e percorrendo caminhos que nos dá oportunidade de nos tornarmos sujeitos críticos, independentes e criativos. Segundo Benevides,

quando me refiro à educação informal estou falando daquela que assimilamos espontaneamente durante nossos processos de socialização

junto ao entorno familiar e social, nos espaços de entretenimentos, em diversas situações que apresentam valores e culturas próprias, de preferências, afetividades e pertencimentos herdados e norteados ao nosso redor. Também resulta da interação com a figura dos pais, irmãos, família, amigos, vizinhos, colegas de escola, igreja e os meios de comunicação de massa, entre outros agentes educadores (BENEVIDES, 2017, p. 83).

O roteiro, as brincadeiras, os jogos dramáticos, a improvisação, a construção da cenografia e toda a carpintaria teatral são componentes essenciais na montagem didática. Através dos elementos mencionados anteriormente, é possível adquirir conhecimentos necessários para a realização de uma montagem teatral que obtenha um resultado satisfatório, independentemente da temática que será utilizada na mesma.

PIMENTA lembra que “é provável que a criação e a brincadeira se valiam de fantasias pré-conscientes e que o sonho seja a expressão de fantasias inconscientes” (PIMENTA, 1993, p. 55).

Com base nos estudos de Pimenta (1993), as fantasias pré-conscientes¹ fazem parte diretamente da lembrança de brincadeiras que estão conectados a criação. Durante a experiência do processo da montagem didática será possível viver e reviver todas as fantasias e ludicidade existente em cada um.

O autor traz reflexões para esse estudo que agrega memórias vivenciadas no processo da montagem didática, na qual a mesma simplifica o método de ensino-aprendizagem, mostrando possibilidades, despertando o desejo de aplicar o conhecimento adquirido, buscando sempre traçar novas vias para o ensino do teatro.

A proposta utilizada no método de criação para a montagem didática, é um modo de desfrutar das lembranças vivenciadas no passado ou vivenciar brincadeiras, jogos, sonhos que nunca foram realizados, desta maneira a montagem didática traz a possibilidade de experimentar com liberdade pondo em prática os desejos interrompidos. Assim sendo:

a educação é um pouco o espaço desse sonho, especialmente porque sabemos que ela faz parte dos processos de formação dos indivíduos. Portanto, trata-se de um sonho, mas um sonho de extrema emergência de realizações que contribuam para o desenvolvimento da sociedade do nosso tempo e que é uma prioridade da Pedagogia Social no que diz respeito às

1 De acordo com Pimenta, as fantasias pré-conscientes vão “além de sonhos, são lembranças de algo vivenciado” (1993, p.55).

coletividades e aos processos de edificação de aprendizagens e saberes coletivos (BENEVIDES, 2017, p. 97-98).

De acordo com Benevides, tentei por em prática as atividades vivenciadas anteriormente que antes para mim era apenas sonhos. Executando este trabalho juntamente com o coletivo, pude transformar este sonho em realidade.

1.1 O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro UFS

Visando conhecer o Projeto Pedagógico do Curso (PPC)² da RESOLUÇÃO Nº 107/2011/CONEPE, de Licenciatura em Teatro da UFS realizamos pesquisas, uma vez que sendo o projeto pedagógico de um curso criado, de acordo com as leis das Diretrizes Curriculares Nacionais que condiz cada curso, o projeto pedagógico deve estar de acordo com o que se pretende para a formação dos seus alunos. O PPC está diretamente ligado à formação e ao percurso que será traçado pelos discentes, sendo este a face e interfaces do curso.

O PPC tem, por sua vez, que acarretar grandes responsabilidades em suas entrelinhas, o mesmo segue a rigor o que deve ser feito do início ao fim do curso, expondo cada objetivo a ser traçado. O PPC do curso de Licenciatura em Teatro da UFS, da RESOLUÇÃO Nº 107/2011/CONEPE se encontra organizado em núcleos representativos das disciplinas; Teórico-Histórico-Literárias, Práticas Cênicas, Pedagógicas e de pesquisa, Visuais e Complementares. Com duração de 04 anos, compondo a carga horária de 3.045 horas. Tem como exigência para a conclusão do mesmo o número de 203 créditos, sendo 169 obrigatórios, 20 optativos e 14 complementares.

É importante observar que o PPC é o viés principal para o ensino aprendizagem do próprio curso e no mesmo está inserida a concepção e a estrutura do curso de teatro, todo o percurso que será traçado pelo discente e todas as vias que os docentes irão traçar até a

2 O curso de Licenciatura em Teatro da UFS foi regido pelas resoluções 091/2006 – Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Teatro – Modalidade Licenciatura – Campus de Laranjeiras e 092/2006 – Aprova a Departamentalização e o Ementário do Núcleo de Graduação em Teatro do Campus de Laranjeiras e dá Outras Providências.

finalização. Portanto, é ele que rege os pressupostos da criação do Curso de Licenciatura em teatro.

Refletindo sobre o período da minha graduação, no Departamento de Teatro entre os anos de 2011 e 2018, vale ressaltar que o curso de Licenciatura em Teatro, foi criado no ano de 2007, inicialmente no Campus de Laranjeiras, SE, ainda como Núcleo de Teatro. Entretanto, em 2017, já instalado no Campus de São Cristóvão, SE, sob a coordenação da Professora Dra. Lourdisnete Silva Benevides, o curso foi promovido de Núcleo de Teatro para Departamento de Teatro³, quando o curso passou a ter o número mínimo de dez docentes efetivos, ativos permanentes⁴, conforme normas da UFS.

Nesse momento⁵, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Departamento de Teatro (DTE) está reformulando o Projeto Pedagógico do curso. O NDE é composto por todo o corpo docente do departamento e por um representante discente. A resolução nº 107/2011 Conselho do Ensino, da Pesquisa e da Extensão - CONEPE, aprova alterações no projeto pedagógico do curso mencionado acima. O PPC de teatro tem como objetivos gerais:

- a) Habilitar professores para o ensino de teatro, capacitando-os para atuação na educação básica, escolas especializadas da área e demais contextos de ensino aprendizagem, e,
- b) Contribuir para o desenvolvimento artístico cultural do Estado de Sergipe, desenvolvendo estudos que possibilitem a ampliação de conhecimentos na área e sua aplicação em projetos educacionais (Res. 107/CONEPE, p.1 e 2, 2011).

Os objetivos do curso estão presentes em todas as disciplinas, nas metodologias que serão utilizadas, nos percursos traçados, nas preparações e conteúdo das aulas, ambos devem estar direcionados para um objetivo geral, deve haver uma sintonia, uma ligação entre disciplinas, docentes e discentes, para que assim o mesmo seja alcançado e haja sucesso na sua jornada.

Toda a estrutura de um curso é pensada de modo estratégico, para que o objetivo principal seja alcançado, as conexões entre as disciplinas são estruturadas para que uma

3 Conforme a Resolução 013/2017/CONSU do dia 05 de abril de 2017, assinada pelo Reitor Angêlo Roberto Antonioli.

4 O colegiado do curso era constituído pelos/as professores/as doutores/as Lourdisnete Silva Benevides, Alexandra Gouvêa Dumas, Carlos César Mascarenhas, Celso de Araújo Oliveira Júnior, Christine Arndt de Santana, Gérson Praxedes Silva, José Roberto Santos Sampaio, Maicyra Teles Leão e Silva, Márcia Cristina Baltazar e a Profa. Ma. Priscilla Teixeira Campos.

5 Setembro de 2018.

auxilie o desenvolvimento das demais. A disciplina Montagem Didática no curso de Teatro da UFS, foi elaborada em três etapas, sendo a I, II e III.

Analisando o PPC de teatro foi possível obter conhecimentos relevantes para o enriquecimento dessa pesquisa, entre alguns, foi a compreensão sobre as disciplinas de Montagens Didáticas, as quais fazem parte do núcleo de práticas cênicas.

A Montagem Didática I traz como ementa:

o estudo do processo específico da criação de espetáculos em processos educativos, através da montagem de cenas e/ou leituras dramáticas de textos analisados. Estudo do texto dramático. Estudo da organização do ensaio-aula na perspectiva da encenação didática. Caracterização do professor-diretor (Anexo IV - Res. 107 CONSU, 2011, p. 14).

Sua liberação é oferecida somente aos alunos que já cursaram o IV período do curso de teatro ou os que estão em períodos à frente e que porventura não tiveram a chance de cursar Montagem Didática II no seu respectivo período. Além de estarem no período mencionado acima, os mesmos deverão ter cursado as disciplinas classificadas como pré-requisito, sendo elas: Arte Educação⁶ e Metodologia do Ensino Teatro⁷.

A Montagem Didática II tem como pré-requisito as duas disciplinas mencionadas acima e o acréscimo da Montagem Didática I. Sua ementa difere da Montagem Didática I, sendo esta: Utilização de improvisação e jogos dramáticos para elaboração de cenas direcionadas principalmente para o público infantil.

A disciplina Montagem Didática III visa finalizar esse processo da montagem, na qual consiste na importância de ter cursado as disciplinas pré-requisito mencionadas anteriormente e incluindo as disciplinas Montagens Didáticas I e II. Sua ementa diferencia das

6 Arte/Educação: Apresenta as Artes como objeto de conhecimento. Realiza atividades referentes às especificidades das linguagens artísticas. Ressalta os estudos de Arte-educação – seu significado e sua importância para a formação do professor de teatro. Promove o desenvolvimento da apreciação estética e a construção de uma consciência crítica da Arte e do mundo. Reflete o professor – ator no seu espaço cênico de aprendizagem artística nos planos perceptivos, imaginativos, produtivos, na educação dos sentidos e nos valores éticos da vivência coletiva. (Anexo IV - Res. 107 CONSU, 2011, p. 14).

7 Metodologia do Ensino Teatro: Estudos dos fundamentos epistemológicos da didática na formação do educador e construção da identidade docente. Relações fundamentais no processo de trabalho docente: ensino/aprendizagem; sujeito/objeto/construção do conhecimento. Organização da dinâmica da prática pedagógica. O planejamento: princípios básicos. Análise dos princípios didáticos relativos ao teatro na educação. O ensino do Teatro no contexto dos PCNs. Estratégias para o ensino de Teatro na educação básica, bem como em outras perspectivas pedagógicas contemporâneas além da educação básica. (Anexo IV - Res. 107 CONSU, 2011, p. 14).

anteriores consistindo em: Planejamento e aplicação de atividades de improvisação e jogos direcionados à montagem de textos já estudados.

Embora sejam exigidas as disciplinas de pré-requisito para que assim seja possível cursar as Montagens Didáticas I, II e III, de forma esquemática, são ofertadas nos períodos anteriores 20 disciplinas, com o propósito de nutrir e fundamentar a formação das/os discentes, a saber:

Introdução a Psicologia do Desenvolvimento, Antropologia I, Sociologia I, Estética e História da Arte I, Introdução a Filosofia, História do Teatro I, Introdução a Psicologia da Aprendizagem, História do Teatro II, Estudo do Texto Dramático I, Ética e Organização Social do Teatro, Estudo do Texto Dramático II, Expressão Cênica do Folclore Brasileiro, essas são pertencentes ao Núcleo de Disciplinas Teórico-Histórico-Literárias. No Núcleo de Disciplinas Pedagógicas e de Pesquisas, temos, Introdução a Metodologia Científica, Arte e Educação, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Metodologia do Ensino de Teatro. Do Núcleo de Disciplinas Visuais temos, Fundamentos das Artes Visuais. Referindo se ao Núcleo de Disciplinas de Práticas Cênicas temos, Expressão Corporal I, Improvisação e Interpretação I, Expressão Vocal II (Anexo III – Res. 107 CONSU, 2011, p. 8).

As disciplinas supracitadas contêm ensinamentos preparatórios que poderão ser utilizados em futuras montagens. Embora algumas não tratam diretamente de montagens, no entanto agregam ensinamentos sobre o teatro e as experiências entre docentes e discentes que resultará em algo útil no processo criativo, podendo ser reinserido na montagem teatral. É interessante perceber que essa análise surgiu a partir da leitura realizada através do PPP, PPC do curso de Licenciatura em Teatro da UFS e dos esquemas existentes entre cada disciplina.

1.2 A Montagem Didática como ação coletiva na formação pedagógica da Licenciatura em Teatro

O teatro é uma arte coletiva e por isso mesmo promove a relação coletiva entre os sujeitos. A arte teatral acolhe as mais diversas linguagens artísticas e nos ensina sobre o trabalho colaborativo. Segundo Araújo (2017), a expressão “processo colaborativo” começou a ser usada na segunda metade da década de 1990, dentro de um contexto de retomada do movimento de teatro de grupo na cena paulistana,

contudo o processo colaborativo garante a existência de alguém (ou de uma equipe) especialista ou interessado em determinado aspecto da criação, que se responsabilizará pela coordenação das diferentes propostas, procurando sínteses artísticas, articulando seu discurso cênico ou concepção, e descartando elemento que não julgar convenientes (ARAÚJO, 2017, p.130).

O processo colaborativo é, portanto, uma ação coletiva, na qual desenvolve as práticas teatrais em grupo, auxiliando nas criações das montagens didáticas, causando uma ruptura no fazer teatral tradicional, que antes teríamos que seguir as regras impostas pelos diretores e/ou produtores. Pois que,

no caso do processo colaborativo, o que ocorre é uma contínua flutuação entre subordinação e coordenação, fruto de um dinamismo associado às funções e ao momento em que o trabalho se encontra. Por exemplo, a definição do projeto, dos colaboradores, das técnicas a serem experimentadas (treinamento físico e vocal, tipo de exercícios etc.), é toda decidida ou endossada coletivamente. (ARAÚJO, 2017, p. 50).

Não é uma regra geral, porém através de reflexões feitas sobre os estudos de Araújo, podemos analisar que no processo colaborativo há um dinamismo presente nas criações, distanciando-se do fazer teatral tradicional, onde o ator não segue somente as instruções do diretor, o mesmo por sua vez pode e deve intervir na cena juntamente com os demais integrantes da montagem, onde todos levantam questões, expõe suas ideias de criações cênicas e de acordo com o desejo dos sonhos da maioria, as ideias com o maior nível de aceitação prevalecem.

Fisher (2003) traz reflexões sobre o processo colaborativo, assim como Araújo (2017) e reforça a análise mencionada acima, na qual o processo colaborativo reflete o rompimento do teatro tradicional e faz transcender uma era, menos arcaica e com maior liberdade de expressão. Sendo assim,

entendemos por processo colaborativo o procedimento que integra a ação direta entre ator, diretor, dramaturgo e demais artistas. Essa ação propõe um esmaecimento das formas hierárquicas de organização teatral. Estabelece um organismo no qual os integrantes partilhem de um plano de ação comum, baseado no princípio de que todos têm o direito e o dever de contribuir com a finalidade artística. Rompe-se com o modelo estabelecido de organização teatral tradicional em que se delega poder de decisão e autoria ao diretor, dramaturgo ou líder da companhia (FISHER, 2003, p. 39).

Seguindo a linha de pensamento de Araújo, pode-se também analisar que embora o processo colaborativo agregue diversas sugestões, o mesmo permeia pela zona de coordenação e subordinação, do mesmo modo que todos podem intervir, há um sujeito que ficará responsável por analisar as ideias levantadas no processo e definir a mais condizente e

apoiada pela maioria dos colaboradores. Após essa análise define e direciona os mesmos através dessa ideia, sobretudo o diretor cênico, que tem, por sua vez, a função de organizar as ideias, distanciando-se da sua função tradicional de definir todas as ações sem interferência dos colaboradores.

A realização desse método demonstra um amadurecimento enquanto grupo, do mesmo modo que há as qualidades, existem as divergências, quando há o embate entre os colaboradores da cena, e os demais indivíduos não opinam, a decisão partirá para o mediador da cena, sendo este o diretor, que será responsável por apaziguar e analisar a melhor proposta.

De toda maneira, pensar o referido método, no contexto da disciplina Montagem Didática, como uma ação coletiva na formação pedagógica da Licenciatura em Teatro, faz todo sentido e válida, de fato, aquele trabalho colaborativo, que fala Araújo (2017) e, ainda permite pensarmos a carpintaria teatral como um extraordinário exercício colaborativo, uma vez que o teatro agrega muitos elementos artísticos.

1.2 Os elementos da Carpintaria Teatral

Falar da carpintaria teatral de “Tanta Tinta” será um imenso prazer. Na peça mencionada foram providenciados e vistos sob o olhar do processo colaborativo onde os participantes com os seus saberes e habilidades se doavam em prol desse trabalho.

O objetivo dos que faziam essa peça era contribuir para que, juntos, pudessem produzir o melhor pintando, bordando, costurando, ajustando, confeccionando e customizando: roupas, flores, tecidos, brinquedos, peças para cenário, adereços pessoais e cenográficos, indumentários para a historicidade da mesma.

Com todo esse desempenho, fica visível o resultado desse brilhante trabalho e trilhando o caminho que nos levou à construção desse processo quero apresentar os elementos da carpintaria teatral definindo-os de maneira clara e objetiva para que tenhamos o melhor entendimento sobre os mesmos.

Na Montagem Didática de “Tanta Tinta” vemos a oportunidade de trabalharmos com alguns elementos os quais fazem parte dessa carpintaria dentre eles podemos citar: o teatro, o palco, o roteiro, a direção, o elenco, a cenografia, a sonoplastia, os adereços, o figurino, a iluminação, a maquiagem, que reunidos resultam a produção do espetáculo.

Sendo a Carpintaria Teatral⁸ constituída por diversos elementos, aqui, vamos observar, que:

Teatro é o local ou espaço físico, inclusive, os “espaços alternativos” onde acontecem apresentações artísticas e ações dramáticas, resultantes de uma montagem. No caso de “Tanta Tinta” esta montagem foi de criação artística e pedagógica, envolvendo em seu processo alunos e alunas, professores e parceria colaborativa, trazendo como o resultado o espetáculo acima mencionado que foi exibida num palco. AULETE assim o define “é o local com palco, próprio para encenação de peças, óperas, recitais, etc.” (2004, p. 762).

Palco é o espaço reservado dentro do teatro ou local onde o espetáculo será apresentado. O palco subdivide-se em três partes; primeiro: coxia, que consiste em um lugar reservado aos atores para arrumação e troca de figurino; segundo: o palco, propriamente dito, que é o lugar em que o espetáculo será apresentado; e, a terceira: a plateia, serve para acomodar o público que vem para apreciação dos mesmos. AULETE afirma que “é o lugar delimitado, ocupado pelos atores, que representam uma peça de teatro ou por artistas (como músicos e cantores) que se apresentam perante o público” (AULETE, 2004, p. 856).

Roteiro é a parte escrita estudada pelos representantes ou integrantes da peça, conforme AULETE “dramaturgia é um texto com enredo de um filme, peça de teatro etc, com as falas dos personagens, característica do cenário etc,” (2004, p. 707). Em “Tanta Tinta”, o roteiro é uma adaptação da professora doutora Lourdisnete Silva Benevides, resultante da junção ou reunião dos poemas infantis de Cecilia Meireles, estudados na Disciplina Montagem Didática II. O mesmo era trabalhado em encontros semanais, acrescidos de trava-línguas, brinquedos e brincadeiras que nos dava a oportunidade de nos posicionar onde, como e quando? Pensando no desenvolvimento eficaz, foi somada a experiência de cada um podendo, assim, colher um bom resultado.

Direção/diretor “é aquele que é responsável pela orientação artística de um filme, uma peça teatral, novela e etc.” (AULETE, 2004, p. 277). Em “Tanta Tinta” sempre presente durante todo o processo sob a responsabilidade e supervisão que, neste caso, era da professora Doutora Lourdisnete Silva Benevides por esta direção éramos cobrados e exigidos que de

⁸ Devo dizer que para a compreensão dos elementos referidos a Carpintaria Teatral elegi como referencial teórico o minidicionário contemporâneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete, 2004. Isso se deu pelo motivo de que o dicionário de teatro de Patrice Pavis que consta na BICEN só pode ser consultado no local e todas as vezes que fui para fazer consultas ele não estava disponível.

maneira especial resgatássemos o viver, o fazer, o brincar e o ser criança, vivenciado por cada um dos componentes para vivermos uma experiência proposta baseada nos poemas infantis de Cecília Meireles onde trabalhávamos diretamente com o processo colaborativo em busca de resultados brilhantes durante toda a construção do processo.

Elenco composto por dois ou mais atores ou um conjunto de artistas que formam um grupo ou uma companhia para exibição de um espetáculo. AMORA afirma que “é o conjunto de artistas de uma companhia teatral, de uma estação de rádio ou televisão” (AMORA, 2008, p. 243). O elenco de “Tanta Tinta” era formado por treze pessoas de estados, cidades e comunidades diferentes, por isso não foi difícil compartilhar com liberdade uma cultura diversificada onde, com detalhes, todos faziam parte do processo somando saberes, diminuindo divergências, dividindo tarefas e multiplicando aprendizado ou conhecimento, o qual foi exposto durante a preparação para a cena ou na exibição do espetáculo. Cada personagem tinha sua função e, ao receber seus papéis ou fala, íamos sendo orientados pela diretora na preparação da construção da personagem na desenvoltura das expressões corporais e vocais de acordo com o perfil desejado. Tudo isso foi possível graças ao processo colaborativo que o elenco de “Tanta Tinta” encontrou na interação e bom relacionamento entre aluno/ator e professor/diretor levando em conta que nenhum era mais importante que o outro. Sendo assim:

o compartilhamento da criação pelo dramaturgo, diretor, ator, ou outros criadores, sem uma hierarquia nesta criação. O diretor não é mais importante que o dramaturgo, o dramaturgo não é mais importante que o ator e assim por diante (Tânia Boy In: Urdimento nº11; 2008, p. 220).

Cenografia está diretamente vinculada ao cenário. Não apenas como objeto de decoração, mas, como elemento contribuidor tecnicamente para a formação do mesmo, que, de maneira ampla e eficaz, nos dá oportunidade de visualizar o espaço dentro do contexto do espetáculo, pequenos detalhes, adereços, luz, figurino, maquiagem, instrumentos musicais, entre outros que têm como objetivo preparar e formar esse lugar. AULETE diz que “é a arte e a técnica de conceber e produzir cenários para peças, filmes e novelas” (2004, p. 55). Em “Tanta Tinta”, juntos confeccionamos com muito carinho brinquedos, caixotes, acessórios, tiaras, figurinos e tudo que fosse compondo o espaço denominado cenário, “o figurino é muitas vezes uma cenografia ambulante, um cenário trazido à escala humana e que se desloca com o ator. Um cenário figurino como o chama a figurinista Claude Lemaire” (PAVIS, 2008. p.165).

Sonoplastia é um conjunto de atividades artísticas e técnicas que usa recurso sonoro, entre eles (música, ruídos e efeitos acústicos), em espetáculos teatrais. AULETE diz o seguinte “é a técnica de produção de efeitos sonoros e de sua aplicação em cinema, teatro, programa de rádio, televisão e etc” (2004, p. 743). Em nosso caso, trilhar esse caminho foi exatamente assim: a sonoplastia de “Tanta Tinta” foi constituída de instrumentos musicais, tais como a zabumba, o agogô, o pandeiro, o apito e uma gaita; cantávamos e provocávamos ruídos vindos dos brinquedos e outros acessórios além da percussão corporal⁹. Assim sendo com facilidade vivenciamos a sonoplastia em meio às brincadeiras, barulhos, algazarras, gritos e aplausos.

Adereços são objetos que servem para ornar o ator e o ambiente. Pavis afirma que:

por objeto entendemos tudo o que pode ser manipulado pelo ator. Tal termo tende a substituir o termo adereço, por demais ligado à ideia de um utensílio secundário que pertence ao personagem. O objeto não somente não é adereço, mas se coloca no centro e no coração da representação ao sugerir que ele está por trás do cenário do ator e de todos os valores clássicos do espetáculo (PAVIS, 2008, p. 174).

Foram vários os adereços usados na apresentação da peça “Tanta Tinta” além dos pessoais como brincos, pulseiras, anéis, tiaras, laçarotes. Tínhamos muitos outros confeccionados pelo elenco, para a composição do cenário, a exemplos de caixotes, bonecas de pano, petecas, pula corda e algumas peças para complementar o figurino, tais como: chapéu, laços, entre outros adereços.

Maquiagem “é a modificação superficial de algo para disfarçá-lo ou fazê-lo parecer melhor, mais moderno” (AULETE, 2004, p. 516). Em Tanta Tinta, a maquiagem era suave e angelical, por se tratar de uma peça que tratava do mundo da criança. Segundo PAVIS:

A maquiagem não é, no entanto, uma extensão do corpo como pode ser a máscara, o figurino ou o acessório. Não é tampouco uma ‘técnica do corpo’, uma ‘maneira com a qual os homens sabem utilizar o corpo’. É, melhor dizendo, um filtro, uma película, uma fina membrana colada no rosto: nada está mais perto do corpo do ator, nada melhor para servi-lo ou traí-lo que esse filme tênue (PAVIS, 2008, p. 170).

Iluminação, segundo AULETE “é a arte técnica de iluminar ambientes” (2004, p. 430). Na montagem “Tanta Tinta” não teve um trabalho de iluminação planejado, por se tratar

⁹ Todos os sons produzidos pelo nosso corpo, a partir do falar, batida de palma, sapateado, estalar de dedos e batidas da mão em qualquer parte do corpo.

de um ambiente aberto, aproveitamos a luz do próprio lugar em que foi apresentado. Conforme PAVIS:

A iluminação ocupa um lugar chave na representação. Já que ela a faz existir visualmente, além de relacionar e colorir os elementos visuais (espaço, cenografia, figurino, ator, maquilagem), conferindo a eles uma certa atmosfera (PAVIS, 2008, p. 179).

Figurino: Sabendo que é um traje que veste o ator, em “Tanta Tinta”, o figurino foi pensado, confeccionado e customizado pelos participantes da montagem. De acordo com PAVIS “o figurino é tão vestido pelo corpo quanto o corpo é vestido pelo figurino. O ator ajusta sua personagem. Afina sua subpartitura ao experimentar seu figurino: um ajuda o outro a encontrar sua identidade” (2008, p. 165).

Sendo conhecedores de diversos elementos teatrais, usamos apenas os mencionados acima e conviver com estes elementos, além do roteiro e a direção, foi mergulhar em um mundo mágico, onde o aprendizado foi maior do que era esperado. Por ter uma soma do conhecimento coletivo por todos que faziam “Tanta Tinta”.

CAPÍTULO II

A montagem didática “Tanta Tinta”¹⁰ como estratégia de formação artística e pedagógica

Este Capítulo traz, por sua vez, o relato das vivências artísticas e pedagógicas dos docentes e discentes que faziam parte do processo de Montagem Didática “Tanta Tinta”, procedimento artístico e pedagógico onde a contribuição e participação de todos fluíram da melhor maneira possível no decorrer do desenvolvimento e desempenho de todos, desde a ideia inicial até a apresentação do espetáculo.

Iniciamos com uma conversa informal, entre professora e alunas/o sobre o planejamento semestral da disciplina Montagem Didática II, que no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe nos é ofertada no quinto período e, para compreendê-la temos que lembrar o que sua ementa nos apresenta. “Utilização de improvisação e jogos dramáticos para elaboração de cenas direcionadas principalmente para o público infantil” (Res. 107/CONEP, 2011, p. 14).

Após o entendimento sobre a ementa da disciplina acima mencionada, ministrada pela professora Lourdisnete Silva Benevides, a mesma apresentou o roteiro de “Tanta Tinta”, para ser estudado pelas/o alunas/o da disciplina, durante o segundo período letivo do ano de 2016. O roteiro reunia os poemas infantis de Cecília Meireles e tinha como objetivo principal a produção de uma peça denominada “Tanta Tinta”.

Para a construção da peça teatral percorremos um longo caminho. Estudamos o texto; a proposta cênica; a construção das personagens e, também concebemos o trabalho artístico e pedagógico com base no processo colaborativo, o qual considerou todos os elementos da carpintaria teatral: cenografia, adereços, sonoplastia, maquiagem, figurino e produção da encenação final.

Entretanto, é fato que a metodologia do processo de montagem cênica foi elaborada e mediada pela pesquisadora e doutora em educação, Profa. Lourdisnete Silva Benevides, a qual foi mobilizada a ministrar a disciplina Montagem Didática II, do curso de Licenciatura Teatro

10 TANTA TINTA. Adaptação livre da professora Lourdisnete Benevides, tendo como base poemas infantis de Cecília Meireles.

da UFS que faz parte da grade curricular, tendo em vista a sua formação em Licenciatura em Teatro e Bacharelado em Direção Teatral e por sempre procurar trabalhar com Montagens Didáticas, em especial com enfoque no universo da criança.

Segundo Benevides,

é de extrema relevância a existência da disciplina Montagem Didática para formação dos/as alunos/as do curso de Licenciatura em Teatro, sobretudo porque é um grande exercício artístico e pedagógico e expande a alma e a própria subjetividade dos/as envolvidos/a nessa construção de saberes e fazeres” (Benevides, 2018).

É fato, que, embora tivéssemos um roteiro já elaborado previamente, o intuito da professora era que pudéssemos vivenciar o processo criativo livre, considerando a subjetividade de cada aluno/a. A partir dessa ideia, aderimos ao processo colaborativo ou coletivo, no qual todos intervinham na cena e em tudo que estivesse inserido na montagem da peça didática “Tanta Tinta”.

O elenco desta Montagem era composto por alunos/as¹¹ de diversas origens e localidades, com diferenças de cores, credos religiosos, opções sexuais e sociais, os quais traziam uma grande bagagem de conhecimento diferenciado, que dividido entre eles era possível visualizar a quantidade de valores que enriqueciam este processo.

2.1 O projeto de encenação: roteiro e direção

Em Tanta Tinta o projeto de encenação foi o resultado de um grande percurso, no qual resolvi embarcar. Uma belíssima viagem, ao mundo mágico e poético, baseado na reunião de alguns poemas infantis de Cecília Meireles, em uma produção exclusiva da Profa. Lourdisnete Silva Benevides.

Ao ser designada a ministrar a disciplina Montagem Didática II, nos incentivou a participar desta encenação teatral que era o objetivo principal da disciplina, com o próprio nome deixa claro. Ao conhecer a turma, lançou a proposta de trabalhar um roteiro que trazia

¹¹ Adwaney Santos Messias; Barbara Sabatele Araújo Santos; Dayane Lima Melo, Elaine Maria dos Santos; Gina Carla Carvalho de Albuquerque; Irabel Moraes Campos Soares; Janielda Santos Santana; Joseane da Silva Santos; Marcio Santana da Silva; Maria das Graças de Oliveira; Ronison Costa de Jesus; Rozemeire de Oliveira e Thiago Teixeira Rodrigues.

como objetivo uma encenação, ou seja, uma apresentação teatral. Antes de chegarmos ao produto final, gostaria de conceituar encenação, conforme KOUDELA:

o conceito de encenação deve descrever, portanto, por um lado a apresentação teatral como resultado relevante exato ao processo de ensaios e, por outro, o caminho que vai do texto escrito ou da eleição de um tema até a construção cênica real e visível (KOUDELA. 2008, p. 19).

“Tanta Tinta”, como encenação foi o resultado de muitos encontros que nos exigiram ensaios e preparação para a construção deste espetáculo. A cada dia, quando nos reunimos para tais encontros, eram distribuídas diversas tarefas que faziam parte da construção do projeto de encenação. Como trabalhávamos no processo colaborativo, cada um somava-se ao outro para fazer e doar o melhor de si.

Como tínhamos um roteiro a ser seguido, iniciamos com a construção das personagens, trabalhando expressões corporais, vocais, marcações de espaço, entonação etc. Estávamos sempre abertos a mudanças e aceitávamos sugestões que melhorassem tudo que nos era proposto, assim sendo, tudo evoluía de acordo com a nossa participação.

Sobre o projeto de encenação, roteiro e direção, a professora Lourdisnete Benevides declara que:

escrever o roteiro teatral “Tanta Tinta”, para a disciplina Montagem Didática II, se insere fundamentalmente no contexto referido à sua ementa a qual está presente no Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe/UFS, como espaço de formação e prática pedagógica, no que diz respeito a “Utilização de improvisação e jogos dramáticos para elaboração de cenas direcionadas principalmente para o público infantil”. Esse é o motivo que determinou a construção de um processo pedagógico que abraçou a poesia de Cecília Maria de Carvalho Benevides Meireles, uma importante referência na área da educação e da poesia brasileira. Portanto, podemos dizer que a execução desse roteiro se coloca como um laboratório de experimentação, uma vez que os/a discentes puderam experimentar, em si, a experiência da ludicidade no processo criativo da montagem “Tanta Tinta”. Esta é uma preocupação que eu sempre tive no meu trabalho docente, em especial no Departamento de Teatro/UFS, tanto pela presença da criança como inclusão necessária ao seu entendimento no conjunto das licenciaturas quanto pelo interessante aprendizado dos/das discentes das licenciaturas. Todo o processo de construção coletiva se deu valorizando a autonomia e as memórias individuais presente em suas formações informais e não-formais, além, obviamente das suas formações formais. É essencial esse exercício de mão dupla em que professor/a e alunos/as dialogam e encontram estratégias e táticas de convívio sensível e ético. Devo dizer também que o resultado dessa metodologia docente tem

sido satisfatório, pois que muitos/a dos/a alunos/a, ao final da disciplina, se reportam sempre ao grande valor do que perceberam como saber construído, na relação com o coletivo, de maneira prazerosa e responsável. Politicamente, fico muito feliz em poder contribuir para as suas formações e desse modo exerço o meu papel docente com responsabilidade e criatividade (BENEVIDES, 2018).

Com espírito colaborativo buscamos tornar útil tudo que nos era trazido e transformá-los em objetos e adereços, para que fossem usados durante a encenação do espetáculo. Assim sendo, estudamos, analisamos e confeccionamos tudo que era necessário. E com um toque de carinho as nossas ideias iam tomando forma e adequando-se às nossas necessidades.

Pela direção, éramos desafiados, observados e incentivados a todo momento, para que o resultado e nosso desempenho fosse o melhor possível. Trabalhamos jogos dramáticos e improvisações de maneira lúdica e prazerosa, pensando sempre que o espetáculo seria destinado ao público infantil.

A encenação da peça “Tanta Tinta” inicia-se com um pequeno cortejo. O elenco chega com brinquedos e brincadeiras, caixotes, acessórios e alguns elementos cênicos. Faz-se notória a musicalidade composta por alguns instrumentos, entre eles, a zabumba, o agogô, o pandeiro, a gaita, o apito e a percussão corporal, esta sonorização nos leva a entender o quanto nosso corpo pode colaborar quando necessário e ajuda a compor o cenário, espaço este pensado e confeccionado pelo próprio elenco.

No palco o elenco trajando figurino infantil, maquiagem e adereços que o caracterizavam como crianças admiradas e inquietas, movidas por uma imensa curiosidade entra em cena com o poema “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles.

De acordo com o roteiro apresentado tive a oportunidade de observar cada poema, falar um pouco da minha compreensão e da minha vivência em relação a tudo que foi vivido em cena, através de jogos dramáticos, brincadeiras, música e improvisações, tornando-o bem prazeroso. Nesse sentido,

o jogo dramático é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida. A melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde oportunidade e encorajamento lhes são conscientemente oferecidos por uma mente adulta. (SLADE, 1978, p.17).

A peça se inicia com o poema “ou isto ou aquilo” enquanto o elenco (crianças) se movimenta tentando entender que decisão tomar diante de duas opções, os versos do poema ou isto ou aquilo são divididos entre as crianças:

No momento em que tem início a apresentação, o elenco em um breve cortejo com ritmo de brincadeiras e algazarra circulava entre o público cantando, dançando, tocando e interagindo com a plateia, trazendo consigo alguns objetos entre eles os instrumentos musicais, caixotes, brinquedos infantis, os quais tinham como função principal compor o cenário. Após preparação do palco para apresentação as personagens de maneira curiosa observavam tudo que estava a sua volta, gerando dúvidas e inquietações, fazendo valer o poema ‘‘Ou isto ou aquilo’’.

Ou se tem chuva Ou não se tem sol,
 Ou se tem sol ou não se tem chuva!
 Ou se calça a luva e não se põe o anel,
 Ou se põe o anel e não calça a luva!
 Quem sobe nos ares não fica no chão,
 Quem fica no chão não sobe nos ares.
 É uma grande pena que não se possa
 Estar ao mesmo tempo em dois lugares!
 Ou guardo dinheiro e não compro doce,
 Ou compro doce e não guardo dinheiro.
 Ou isto ou aquilo: Ou isto ou aquilo...
 E vivo escolhendo o dia inteiro!
 Não sei se brinco, não sei se estudo,
 Se saio correndo ou fico tranquilo.
 Mas não consegui entender ainda
 Qual é o melhor: Se é isto ou aquilo
 (Mireles, apud. BENEVIDES. 2009, p.1)

Em seguida, duas crianças exclamam: o vestido de Laura!!! Todos se perguntam: como? O quê? Que vestido?! Vestido de Laura? Então eles dizem o poema o vestido de Laura.

De acordo com o roteiro, podemos observar a indicação de que, o Vestido de Laura retrata uma peça do figurino infantil, confeccionado por um dos componentes do elenco, contendo exatamente tudo o que o poema descrevia. Laura, assim como todos os participantes, admirava a vestimenta de um colorido peculiar, que fazia a personagem Laura se destacar por entre os outros. Assim, por essa razão surgiu diversos questionamentos entre eles o principal motivo do ato “O vestido de Laura? “O vestido de Laura?”. E ela com bastante alegria ao vestir a roupa, se desloca por entre as personagens, reconhecendo-se como uma verdadeira bailarina.

O vestido de Laura
 É de três babados,
 Todos bordados.
 O primeiro todinho,
 Todinho de flores
 De muitas cores.
 No segundo, apenas
 Borboletas voando,
 Num fino bando.
 O terceiro, estrela,
 Estrela de renda
 -Talvez de lenda...
 O vestido de Laura
 Vamos ver agora,
 Sem mais demora!
 Que as estrelas passam,
 Borboletas, Flores
 Perdem suas cores.
 Se não formos depressa,
 Acabou-se o vestido
 Todo bordado e florido!
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p.1 e 2).

O restante do elenco participa animado e empolgado com o vestido colorido. Depois que uma criança veste o vestido, todos levantam, meninos de um lado e meninas de outro lado, e cantam a musiquinha abaixo enquanto a “criança/bailarina” dança: “a dança da bailarina a gente aprende a gente ensina, a dança da bailarina é pra menino é pra menina”. Então, um dos meninos diz o poema “A bailarina”.

Laura, a bailarina, ao se sentir o centro das atenções, colocava-se no meio do círculo formado por todo o elenco que cantava a música acima e de maneira desordenada propositalmente tentava imita-la, formando uma coreografia que aos olhos da plateia ficava perceptivo a presença de apenas uma bailarina. Quando dançavam no compasso formado pela união dos instrumentos usados na música que eram uma zabumba, um agogô, um pandeiro, uma gaita, um apito, além dos que sons resultantes da percussão corporal. A letra da música era cantada por todos, sem cobrança técnica e o mais importante era a participação. Todos dançavam tentando acompanhar a bailarina, e todos paravam ao mesmo tempo para ouvir o poema abaixo:

Esta menina
 Tão pequenina
 Quer ser bailarina.
 Não conhece nem dó nem ré
 Mas sabe ficar na ponta do pé.
 Não conhece nem mi nem fá
 Mas inclina o corpo para cá e para lá.
 Não conhece nem lá nem si,
 Mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
 E não fica tonta nem sai do lugar.
 Põe no cabelo uma estrela e um véu
 E diz que caiu do céu.
 Esta menina
 Tão pequenina
 Quer ser bailarina.
 Mas depois esquece todos as danças,
 E também quer dormir como as outras crianças.
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p.2).

Os meninos saem de cena enquanto as meninas cantam: “A flor que a menina sonha está no sonho ou está na fronha, a flor que a menina sonha está no sonho ou está na fronha. Três crianças dizem o poema Sonhos da menina:

O poema “Sonhos da Menina”, era recitado por apenas um componente do grupo que inicia com um bocejo e partituras corporais sonolentas, fora escolhido por declamar de maneira lenta e compassada. Enquanto o restante do elenco brincando, fazia uma atividade de relaxamento dando origem a uma pausa que se caracterizava como uma breve soneca, sem interrupção da declamação do poema descrito abaixo. Ao final do mesmo, todas as personagens despertando dessa pausa e retornavam as marcações para o próximo poema.

A flor com que a menina sonha
 Está no sonho?
 Ou na fronha?

Sonho risonho:
 O vento sozinho
 No seu carrinho.

De que tamanho
 Seria o rebanho?

A vizinha
 Apanha a sombrinha
 De teia de aranha...

Na lua há um ninho
 De passarinho.

A lua com que a menina sonha
 É o linho do sonho
 Ou a lua de fronha?
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 2, 3).

Depois todas as meninas cantam e dançam: “A vizinha pega a sombrinha de teia de aranha, a vizinha pega a sombrinha de teia de aranha”. Depois sentam no chão enquanto uma das meninas fica em pé brincando com tinta, entra um menino e eles dois contracenam dizendo o poema enquanto as outras crianças, meninos (que retornaram) e meninas sorriem ouvindo o poema Tanta Tinta:

Neste momento a menina se senta na ponte e se suja de tinta, então o menino declama o poema tanta tinta que dá nome à peça. O texto de “Tanta Tinta” induz uma rubrica que tem a presença de um adulto, no entanto, no processo colaborativo da montagem as personagens envolvidas resolveram que seria um jogo teatral entre duas crianças, um menino e uma menina, pois a opção foi de continuar no mundo infantil menos caricaturado.

Ah! Menina tonta,
 Toda suja de tinta
 Mal o sol desponta!
 (Sentou-se na ponte,
 Muito desatenta...
 E agora se espanta:
 Quem é a ponte pinta
 Com tanta tinta?...)
 A ponte aponta
 E se desponta.
 A tontinha tenta
 Limpa a tinta,
 Ponto por ponto
 E pinta por pinta...
 Ah! A menina tonta
 Não viu a tinta da ponte!
 (Mireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 3).

Depois o menino vai se trocar (porque estava caracterizado de “adulto”, depois retorna) e a menina senta com as outras crianças. Então as crianças se olham e se faz um momento reflexivo/lúdico/pedagógico inspirado na composição oito anos, de Paula Toller, as crianças pretendem compreender suas existências e simbologias:

A idade dos porquês nos é apresentadas pela composição “Oito anos” de Paula Toller como ocorrido durante o processo de entendimento vivido por crianças a os oitos idades. Dentro do processo coletivo haviam mães que relatavam uma idade diferente, entre 3 a 5 anos, podendo em algumas crianças persistir até ao oitos anos de idade. Esses porquês são aguçados pela curiosidade infantil a partir da percepção do mundo que os cercam e na maioria das vezes, os resultados dados não são convincentes de acordo com os pensamentos dos pequenos que atenciosamente esperam uma resposta que atendam a sua criatividade imaginativa. A música aqui descrita, não foi cantada e sim partilhada para serem declamada pelas personagens, respeitando as ações e características construídas ao longo do processo preparatório.

Por que você flamengo
 E meu pai botafogo?

 O que signica
 "Impavido colosso"?

 Por que os ossos doem
 Enquanto a gente dorme?

 Por que os dentes caem?

 Por onde os filhos saem?

 Por que os dedos murcham
 Quanda estou no banho?

 Por que as ruas enchem
 Qunado esta chovendo?

 Quanto é mil trilhões
 Vezes infinito?

 Quem é Jesus Cristo?

 Onde estão meus primos?

 Well, Well, Well
 Gabriel...
 Well, Well, Well
 Well (aqui se faz uma grande brincadeira com pandeiro, todos!))
 Por que o fogo queima?

 Por que a lua e branca?

 Por que a Terra Roda?
 Por que deitar agora?
 Por que as cobras matam?
 Por que o vidro embaça?
 Por que você se pinta?
 Por que o tempo passa?
 Por que a gente espirra?
 Por que as unhas crescem?
 Por que o sangue corre?
 Por que a gente morre?
 Do que é feita a nuvem?
 Do que é feita a neve?
 Como é que se escreve
 Reveillon?
 (TOLLER, Apud Benevides, 2009. p. 4; 5).

Um músico/ator vem ao centro e faz um passarinho no poema passarinho no sapé enquanto duas crianças interpretam o poema as duas velhinhas e contracenam mesclando os dois poemas abaixo enquanto a turma de meninos e meninas participam em coros de “Marina e Mariana”:

O poema passarinho no sapé tinha início com o som de um apito que imitava o canto de um pássaro. Em seguida, como um jogo de palavras o poema era declamado no ritmo da

brincadeira adoleta, isto foi percebido posteriormente através do processo coletivo. A interpretação realizada entre duas personagens infantis causavam risos os quais chamavam atenção dos declamantes.

O P tem papo
 O P tem pé
 É o P que pia?
 (piu!)
 Quem é ?
 O P não pia .
 O P não é.
 O P só tem papo e pé.

Será o sapo?
 O sapo não é.
 (piu!)

É o passarinho
 Que fez o ninho
 No sapé

Pio com papo
 Pio com pé
 Piu- Piu-Piu:
 Passarinho
 Passarinho no sapé.
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 5).

As velhinhas eram transportadas a uma época saudosa vivida nas suas inquecíveis infância. No momento em que elas se apresentavam era possível ver um cenário com um visual diferenciado, caixas de costuras, materiais de artesanato, bonecas de pano e brinquedos da época. As personagens com suas vozes e mãos trêmulas tomavam chocolate em xicarinhas de porcelana, que arremetia a nostalgia da cena, as velhinhas em questão reviviam suas lembranças mostrando que apesar da idade traziam sempre consigo uma criança viva que as acompanhava da qual jamais se distanciaram.

Duas velhinhas bonitas,
 Mariana e Marina,
 Estão sentadas na varanda:
 Marina e Mariana.
 Elas usam batas de fitas,
 Marina e Mariana.
 E penteado de tranças:
 Marina e Mariana.
 Tomam chocolate, as velhinhas,
 Marina e Marina.
 Em xícaras der porcelana,
 Marina e Mariana.

Uma diz: “como a tarde é linda,
 Não é, Marina?”
 A outra diz: “como as ondas dançam,
 Não é, Marina?”
 “Ontem, eu era pequenina ”,
 Diz Marina.
 “Ontem, Nós éramos crianças”,
 Diz Marina .
 E levam à boca as xicrinhas,
 Marina e Mariana,
 As xicrinhas de porcelana:
 Marina e Mariana.
 Tomam chocolate, as velhinhas,
 Marina e Mariana.
 E falam de suas lembranças,
 Marina e Mariana.
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 5; 6).

O músico/ator retorna ao espaço dos músicos/atores, ao fundo do palco enquanto os meninos se transformam em mosquitões e as meninas tentam fugir das picadas enquanto as meninas dizem o poema o mosquito escreve:

Nesse momento os integrantes do processo artístico eram desafiados a trabalhar o desenvolvimento de expressão corporal e projeção vocal com extrema precisão. Pois se fazia necessário o entendimento da ação estética transmitida através de uma coreografia que demonstrasse a descrição exata do poema. E todos de maneira, improvisada\ensaiada ocupavam os espaços vazios, expressando os movimentos corporais e a musicalidade trazida de uma exclusiva manifestação dessa percursão corporal extraordinária.

O mosquito pernilongo
 Trança as pernas, faz um M,
 Depois treme, treme, treme,
 Faz um O bastante oblongo,
 Faz um S.

O mosquito sobe e desce.
 Com artes que ninguém vê,
 Faz um Q,
 Faz um U, e faz um I.

Este mosquito esquisito
 Cruza as pernas, faz um T.
 E ai,
 Se arredonda e faz outro O,
 Mais bonito.

Oh!

Já não é analfabeto,
Esse inseto,
Pois sabe escrever seu nome.

Mas depois vai procurar
Alguém que possa picar,
Pois escrever cansa,
Não é criança?

E ele está com muita fome.
(Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 6; 7).

As crianças correm muito e ouve-se uma voz que diz: “a menina pergunta ao eco onde ele se esconde”. Três meninas perguntam: "onde"? O restante do elenco faz o eco: “Onde, onde, onde?” A voz pergunta “a menina pergunta ao eco se ele quer ser seu amigo”. As três meninas perguntam: "Eco quer ser me amigo?" Eles dizem o poema: O eco

Continuando com a processo foi desenvolvido exercícios de expressões corporais e principalmente vocal, onde se fazia necessário e quase obrigatório a repetição das últimas sílabas das palavras do poema o eco com entonações diferenciadas, nas quais eram emitidas por vozes, brinquedos, brincadeiras e percussão corporal, nas perspectivas de reprodução sonora com a participação de vários integrantes.

O menino pergunto ao eco
Onde é que ele se esconde.
Mas o eco só responde: "ONDE? ONDE?"

O menino também lhe pede:
"Eco, vem passear comigo!"

Mas não sabe se eco é amigo
Ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer:
"Migo!"
(Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 7).

Todos correm, pegam guarda-chuvas no cesto de brinquedo e se protegem do temporal enquanto dizem o poema: o tempo do temporal, “focando” sobre aquela situação:

O tempo do temporal é um poema revelador, que traz em suas rimas e palavras a força do tempo com sua capacidade transformadora de mudar tudo ao seu redor, as vezes sendo de maneira brusca e rápida capaz de rouba a infância e os sonhos das crianças sem que elas

percebam, daí as mesmas procuram se proteger desse temporal, que a transporta para realidade do tempo.

O temporal do tempo:
 O tempo
 Do temporal.
 O templo ao tempo
 Ao ar
 E ao pé
 Do temporal.
 E o doente ao pé do templo.
 E o temporal no poente.
 E o pó no doente.

O tempo do doente.
 O ar, o pó do poente
 O temporal do tempo
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 7).

Então, uma criança diz o poema O último andar. O poema representa um lugar utópico, imaginário, porém seguro, um refúgio muito saudável onde as crianças podem encontrar vários componentes da natureza e viver com tranquilidade, encontrando em uma convivência pacífica após o temporal. As personagens tentam fugir buscando um esconderijo capaz de acolhê-las com carinho, embora este lugar seja apenas existente no íntimo que cada um carrega dentro de si a certeza e a capacidade de criar um mundo da imaginação infantil.

O último andar é mais bonito:
 Do último andar se vê o mar.
 É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:
 Custa-se muito a chegar.
 Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
 Sobre o último andar
 É lá que eu quero morar.

Quando faz lua no terraço
 Fica todo o luar.
 É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem
 Para ninguém os maltratar:

No último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:

Tudo parece perto, no ar.

É lá que eu quero morar:

(As crianças/elenco perguntam: onde? E um dos atores respondem)

No último andar.

(Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 8).

Todos levantam e “se empurram’ enquanto cantam depois cantando e dançando como se estivessem marchando dizem: “1,2 feijão com arroz, 3, 4 comida no prato...” e depois: “marcha soldado. Cabeça de papel. Se não marchar direito. Vai preso pro quartel. O quartel pegou fogo. A polícia deu sinal. Acorda, acorda, acorda...”

De maneira desorganizada, se empurram, cantam, dançam e brincam depois se põe em ordem, em fileira como se fossem marchar. Na construção coletiva surgiram ideias para enriquecer o trabalho, foi acrescentada a canção “Este é um país que vai pra frente”, e em meio círculo a coreografia desembocava em uma fileira marchando para trás enquanto cantavam. Esse detalhe foi pensado e acordado pelos integrantes devido a situação política vivida pelo Brasil atual da época, que era unanimidade entre os integrantes da peça.

Durante o processo coletivo, fomos convidados a levarmos travas-línguas para acrescentarmos particularidades ao processo, que nos remetiam a nossa própria infância, levando em consideração nossa cultura nacional, estadual e municipal, mas também sem esquecer das regras atuais, politicamente corretas. A procissão de pelúcia, é uma trava língua que dava início ao encerramento da peça, nessas perspectivas fomos levados a uma viagem à infância, extraindo sorrisos sinceros, gargalhadas profundas e leveza de um trabalho cheio de questões, mas com um resultado satisfatório. Ao iniciar a cena um dos atores era músico, se dirigia até ao centro e depois de dar ordem de “Sentido” diz: a procissão de pelúcia.

Aonde vai o praça
 Que passa de pelica,
 Com pressa,
 Na praça?
 A por uma compressa
 Depressa
 No rei da Prússia?
 ‘Mas o praça
 Não sabe o preço
 Para ir da praça
 A Prússia.
 E não há Prússia
 Nem praça
 Nem pelica
 Nem compressa
 Nem praça
 Nem preço

Nem pressa..
 Há uma procissão
 Que passa
 Que passa na praça
 Só com prece
 De pelúcia
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 8).

Ele diz outra vez: sentido! Todos se perfilam e depois ao toque de um pandeiro todos riem e se inicia um samba de coco/uma embolada e o elenco dança em círculo até que formam um meio círculo e cada um vai ao centro, dançando e ao centro dizem seus versinhos:

Em círculo, cantando, dançando e atentos à fala do outro, após a apresentação de cada um, iniciava-se uma algazarra, tudo era motivo de gozação, gritos e brincadeiras pelos demais, era nesse exato momento onde as personagens eram esquecidas e os integrantes se faziam presentes. Cada um trazia para o texto, o corpo, a voz e os problemas vividos por eles, como: preconceitos, condição social, estresse diários.

1ª criança: Oh! Pequeninina jabuticabeira quando tu se despequenina jabuticabeirizará? Eu pequeninina jabuticabeira me despequenina jabuticabeirizarei.

Quando todas as jabuticabeiras pequeninas se despequenina jabuticabeirizarem.

Algazarra!!!

2ª criança: Avida é uma sucessiva sucessão de sucessões que se sucedem sem suceder o sucesso.

Algazarra!!!

3ª criança: O doce perguntou pro doce qual é o doce mais doce que o doce de batata doce. O doce respondeu pro doce que o doce mais doce que o doce da batata doce é o doce de doce de batata doce...

Algazarra!!!

4ª criança: O tempo perguntou pro tempo, quanto tempo o tempo tem, o tempo respondeu pro tempo...

Algazarra!!!

5ª criança: Atrás da porta tem uma porca morta

Algazarra!!!

6ª criança: Batatinha quando nasce...

Algazarra!!!

Gargalhadas...

7ª criança: O peito do pé de Pedro é preto, quem disser q o peito do pé de Pedro é preto, terá o peito do pé mais preto q o peito do pé de Pedro!!!

Algazarra!!!

8ª criança: em cima da mesa tem um jarro, dentro do jarro tem uma aranha. quando a aranha arranha o jarro. o jarro arranha a aranha.

Algazarra!!!

9ª criança: não confunda Onittorinco com Otorrinolaringologista. Porque otorrinolaringologista é otorrinolaringologista. E Onittorinco é onittorinco.

Algazarra!!!

10ª criança: Se 6 serras serram 66 cerejeiras 66 serras, serram 666 cerejeiras!!!

Algazarra!!!

Os três últimos versos foram transformados em música e acompanhando com os instrumentos musicais, sem esquecer da percussão corporal, ditando os ritmos e cadência, fazíamos um passeio eufórico, recolhendo os elementos cenográficos tornando o espetáculo mais próximo do público e finalizando assim o processo de ensino/aprendizagem da disciplina Montagem Didática II.

Depois vem uma criança ao centro e diz:

Um sapo dentro de um saco
um saco com um sapo dentro
um sapo batendo papo
e o papo cheio de vento
(Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 10).

Todos riem e fazem algazarra!!!

Outra criança diz:

No começo aqui na UFS
 era muita confusão
 tinha sapo, tinha pedra
 aparecia até ladrão
 mas agora a coisa muda, veja que apresentação.
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 10).

Todos riem e fazem algazarra!!!

Outra criança diz:

O campus inaugurou
 agora não tem mais lezeira
 fique atento meu amigo
 que essa roda é de primeira
 (Meireles, apud. BENEVIDES. 2009, p. 11).

Aqui vale destacar a autora dos poemas infantis os quais deram origem ao roteiro da peça intitulada “Tanta Tinta”, que trabalhado, estudado e ensaiado resultou nessa maravilhosa encenação artística pedagógica.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles de nacionalidade brasileira, natural do Rio de Janeiro, nascida em 07 de novembro de 1901, falecida em 09 de novembro de 1964. Era filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles e Matilde Benevides. Órfã de pai e mãe foi criada sob os cuidados da sua avó materna Dona Jacinta Garcia Benevides. Desde cedo começou a escrever poesias. Precisamente aos 9 anos já era considerada uma poetisa, entre os 13 e 16 tornou-se professora pela Escola Normal do Rio Janeiro. Estudou línguas, literatura, música, folclore e teoria educacional.

Embora considerada poetisa ainda criança, seu primeiro livro intitulado “Espectro” foi somente publicado em 1919, suas poesias são consideradas atemporais, porque trazia influência do Modernismo, herança do simbolismo, técnicas do Classicismo, Gongorismo, Romantismo, Parnasianismo, Realismo e Surrealismo.

Em 1922 casou-se com o pintor português Fernando Correia Dias com quem teve três filhas Maria Euvira Meireles Correia Dias, Maria Matilde Meireles e a atriz brasileira Maria Fernanda Meireles. Em 1935 aos 34 anos Cecilia Meireles fica viúva, somente em 1940 casou-se com o professor e engenheiro agrônomo Heitor Vinicius da Silveira Grilo.

Além de poetisa e professora atuou como jornalista e diariamente publicava informações sobre problemas educacionais, dando-lhe a oportunidade de fundar a primeira

biblioteca infantil do Rio de Janeiro. Seu acervo de obras artísticas é imenso, onde a mesma recebeu diversas premiações, sendo uma dessas, em 1939 com a publicação do livro “Viagem” é lhe concedida o - PRÊMIO DE POESIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

São grandiosas suas obras, entretanto a principal é “Olhinhos de Gato” baseado na sua própria vida, onde a mesma faz uma espécie de autobiografia, traçando momentos da sua infância, a perda da mãe Matilde e sobre a sua criação pela avó dona Jacinta. Embora a obra citada a cima tenha sido eleita a principal, Cecilia teve destaque em outras obras, tais como; “Criança meu amor” em 1923, “Saudação a menina de Portugal” em 1930, “A festa das letras” em 1937, “Problemas de Literatura Infantil” em 1950, “Ou isto ou aquilo” em 1964.

Em meio a tantas obras é possível perceber a representatividade da infância em várias delas, isto nos leva a pensar a importância da mesma para com o ser criança e magia presente no mundo poético infantil. Talvez toda admiração da mesma para a temática mencionada a cima, seja o reflexo de uma infância marcada por vários acontecimentos e momentos felizes ao lado da sua avó Jacinta.

Em uma autobiografia Cecília Meireles, descreve o silêncio e a solidão como fonte de inspiração para suas criações, que embora tivesse o carinho da sua avó, a ausência dos seus pais, tornava algo incompleto e ausente dentro de si.

2.2 Construção do processo artístico-pedagógico

No segundo período do ano 2016, a turma da Disciplina Montagem Didática II, iniciou um processo criativo da construção da peça “Tanta Tinta” a partir dos poemas infantis de Cecilia Meireles adaptados pela professora doutora Lourdisnete Silva Benevides levantadas sobre as brincadeiras da infância e sobre as crianças fomos convidadas a resgatá-las para somar a esse processo a partir de estudos feitos dentro da sala de aula.

Os procedimentos metodológicos utilizados pela professora diretora, somados aos dos alunos/atores crescia a cada encontro por trabalharmos com o processo colaborativo, onde tudo que era trazido fossem acrescentados: aulas expositivas, pesquisas de campo, pesquisas

bibliográficas, leitura e reflexão sobre o texto, dinâmicas apresentadas, apreciação e releitura da obra artística, discussões e diálogos, ensaios.

E, para enriquecer esse processo de montagem artística pedagógica, vivenciamos diversos momentos participando de jogos didáticos, improvisações, jogos dramáticos, brinquedos e brincadeiras que deram oportunidade de nos prepararmos de maneira consciente para exibir algumas ações da encenação teatral.

A base do jogo dramático e do teatro é o drama, que no sentido original do termo grego *drâ* dignifica “eu faço”, “eu luto”. Assim, ambos estão marcados pelo conflito, pela contradição entre vontade e ação, que é definida pelos personagens com suas características próprias. Portanto, sempre existirá no jogo dramático a situação na qual algo acontece impedindo o transcorrer normal as coisas (SAMPAIO, 1981, p.12).

Os/as alunos//as incentivados/as pela professora/diretora, aceitaram o desafio e as personagens foram surgindo aos poucos e selecionadas com a ajuda da professora ministrante dessa oficina do fazer artístico pedagógico. O processo foi uma investigação conjunta sobre como tratar cenicamente o olhar, o andar, o falar, o agir e a maneira do ser criança. O amadurecimento de tudo isso veio através de estudos, ensaios e trabalhos artísticos e manuais que foram efetuados por meio do empenho de todos que, unidos pela proposta, tornavam-se um ser forte e criativo.

O desejo de se doar e a motivação para o desenvolvimento da peça se dava pelo fato de estarmos envolvidos através de jogos como futebol, cabo de guerra, bola de gude, empurra-empurra, pega-pega, brinquedos tipo pular corda, pião, bola, bonecas, carrinho... brincadeiras de cantigas de roda, adoleta, adivinhações, contação de histórias... e outras atividades que nos reportássemos ao ser criança.

Tratar do universo infantil é adentrar em tudo que for colorido, divertido, encantador e fantástico, que atraí os melhores risos, é falar de um tempo marcado por brincadeiras na rua ou no terreiro, é falar de herança, de diversões passadas de pais para filhos, que talvez com o tempo haja alterações nos nomes e em algumas regras, mas que jamais serão esquecidas.

O processo artístico pedagógico da Montagem Didática II de “Tanta Tinta” ia se edificando com a ideia de elaborar de maneira constante o processo colaborativo, onde, sem dúvidas, nos uníamos para dar o melhor de si evitando, a todo momento, cobranças por parte dos colegas e direção, já que o método de trabalho nos dava o direito de opinar a tudo que não fosse adequado.

Mediante ao ensino aprendizagem, cada participante tinha a oportunidade e a liberdade de intervir nas ações que definiriam cada passo da montagem a ser criada no aprendizado enquanto aluno ou discente e no ensino enquanto professora ou docente. De acordo com a imaginação de ambos, fez-se possível produzir o ser, o fazer, o brincar e o acontecer como resultado.

A liberdade e a descoberta estiveram presentes em todo o processo criativo da peça “Tanta Tinta”, esse, por sua vez foi, sobretudo, uma busca involuntária em reviver memórias, na qual dividiram-se entre passado e presente. Tornando-se uma busca constantemente por um eu do passado, sendo um modo de vivenciar o imagético e toda ludicidade presente no universo infantil, na qual foram herdados dos nossos pais, avós e todos nossos antecedentes.

2.3 Equipe discente: a fala dos sujeitos do processo

Em contribuição a este processo, quero relatar com convicção e propriedade do que foi vivido anteriormente, graças a Deus tive a oportunidade de viver quase todas as fases de vida do ser humano, uma infância maravilhosa, uma adolescência fantástica, uma juventude brilhante, a idade adulta realizadora, e o momento atual da pessoa idosa cheio de surpresas.

Durante o tempo que estive presente no Curso de Licenciatura em Teatro da UFS, tive a oportunidade de cursar a disciplina “Improvisação e Jogos Didáticos”¹². Porém, os conteúdos apresentados e brincadeiras, para mim não era novidade, pois tive o prazer de vivenciá-las na minha infância e adolescência. Tudo aquilo me trazia uma forte lembrança do passado.

Com isso fiz uma pequena reflexão, pois todas as aulas me reportavam a ludicidade vivida na minha doce infância, quando participava das cantigas de roda, cabra cega, esconde-esconde, pega-pega, passará, contação de história, baleado, pula corda, histórias coletivas

12 Improvisação e Jogos Didáticos tem como ementa Teoria e prática das diversas técnicas de improvisação e jogos dramáticos utilizados em teatro, visando tanto o desenvolvimento de habilidades espontâneas, bem como de capacidades específicas como foco, concentração, memorização e criatividade cênica. (Anexo IV - Res. 107 CONSU, 2011, p. 14).

através de um objeto apresentado, macacão, completando histórias, dentro e fora... estas e outras atividades que eu costumava chamar de brincadeiras da vovó.

Alguém que também vivenciou esses momentos aproveitou para patentear e registrá-los, transformando em livros com autoria própria, mudando-as de nomes e regras distintas, embora para mim sejam sempre as simples brincadeiras e jogos de um passado rico, de sorrisos, simplicidade e saudade.

Lembro-me bem da voz que ressoava aos meus ouvidos que dizia; crianças vamos brincar, jogar e fazer uma dramatização. Essa era a voz da Dona Cotinha¹³, senhora que residia na mesma rua que eu e que era a responsável por encher nossas noites de ensinamentos e diversão. Apesar de tudo isso remeter ao teatro, não nomeávamos essas brincadeiras e jogos como tal. É interessante compreender e refletir que eu já fazia Teatro antes mesmo de conhecê-lo, e a simples Dona Cotinha tinha o papel de escritora criativa, roteirista e diretora.]

Assim também como D. Gedalva que nos preparava o ano inteiro para os autos natalinos com as danças e folguedos, entre eles o Guerreiro, o Reisado e os Pastoreios para homenagear o nascimento de Jesus, que em meio a tantas brincadeiras também participei de atividades circenses como, cantora, dançarina, ajudante de mágico, palhaço... embora eu não entendesse que tudo isso fazia parte do teatro, sabia que havia Arte e muito amor em tudo aquilo que fazíamos.

A equipe discente era formada por treze¹⁴ alunas/os do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe, todas/os matriculadas/os e frequentando, de modo regular, as aulas da disciplina Montagem Didática II, do segundo período semestral do ano de 2016.

Apesar de ser uma turma com o número de alunos reduzidos em relação as demais turmas que geralmente são formadas por uma média de trinta a cinquenta alunos, porém, o número treze alunas/os, foi satisfatório para o desenvolvimento do trabalho proposto pela professora da disciplina. Como em todos os lugares, sendo este da área profissional, estudantil, comunitária ou familiar não existem pessoas iguais, era notória a diversidade entre os mesmos. Sendo estes de raças, cores, classes sociais e religiões opostas. Contudo

13 Dona Cotinha era uma escritora criativa, apesar de seus saberes e ensinamentos, era uma pessoa não letrada, ou seja, não alfabetizada.

14 A turma era composta por 13 alunos/as, porém só foi possível obter entrevista com 5 participantes, além de minha presença, entre eles/elas.

formavam um grupo homogêneo, unidos pelo trabalho colaborativo, que os distanciavam de qualquer divergência e por sua vez ia aproximando-os e mostrando afinidades que os mesmos não sabiam da existência.

Na Montagem Didática de “Tanta Tinta”, desse modo, acatando suas opiniões, fui enriquecendo as entrelinhas com o compartilhamento do ser, saber e fazer de cada um que fazia parte desse processo.

O papel de um processo colaborativo é de abraçar ideias, dar voz e vez a todos e, sobretudo, respeitar opiniões, embora haja divergências e dificuldades para desprender-se de ideias pessoais, esse processo lhe torna mais humano, criativo e sábio. Deste modo busquei ouvir os integrantes e acatei suas opiniões a respeito desse processo e enriquecer as entrelinhas dessa pesquisa com os saberes dos que compartilharam e vivenciaram cada etapa da construção de “Tanta Tinta”.

Como “Tanta Tinta” nos deu oportunidade de trilharmos esses caminhos fantásticos com humor, alegria e satisfação, resolvi de maneira lúdica adentrar na vida de alguns participantes desse processo em estudo, através de uma entrevista oral informal, a partir do dia cinco de junho de dois mil e dezoito, e com permissão dos mesmos assim sendo, precisei nomeá-los carinhosamente como se fossem flores¹⁵, considerando a peça acima mencionada, um perfumado, colorido e belo jardim.

Iniciamos essa missão no mundo mágico e fantasioso de uma infância longínqua, onde ao percorrer esse jardim, ocuparei todos os espaços, plantando flores de diversas espécies, as quais levarei na mente e no coração para o resto dos meus dias.

A primeira a ser plantada se chamará Antúrio, planta ornamental de folhas grandes e de várias cores, dependendo do tipo da espécie, poderá ser vermelha, rosa, branca, verde... que crescem ao abrigo do vento, assim também, Antúrio cresceu em graça e conhecimento enquanto aluno do 7º período do curso de Licenciatura Plena em Teatro revelando, assim, suas experiências e vivências nesse processo que muito enriquece essa pesquisa. Antúrio destaca que:

essa disciplina fez-me sentir uma parte do meu sonho mais de perto. Além de trabalhar a parte pedagógica desenvolvemos a atuação, direção e

15 Esta foi uma opção pessoal para me referir as/os colegas da disciplina Montagem Didática II, considerando as minhas percepções sobre as suas características pessoais.

produção, nos dando assim uma carta nas mangas, ao iniciarmos os nossos estágios e sem falar que tudo absorvido em sala de aula, pude usar em meu grupo de Teatro em Laranjeiras (Antúrio, 2018).

Para ele, ainda que nas Montagens Didáticas, as dificuldades não foram muitas, porém, a mais visível foi a escolha do texto e tendo-o em mãos trabalhamos para obtermos resultados magníficos. A responsabilidade para uma boa montagem, no caso de “Tanta Tinta”, foi exclusiva do coletivo, a partir do Departamento de Teatro, na disponibilidade de um bom lugar apropriado para a realização das aulas da disciplina até a parceria aluna/o - professora. Antúrio comenta que enquanto professor de teatro, tentar encontrar um lugar apropriado para realizar as aulas práticas, procura manter um diálogo aberto com os alunos, impondo-os respeito para facilitar a construção da peça.

A construção dos elementos da carpintaria teatral, tais como: cenografia, adereço, caracterização, maquiagem, sonoplastia, figurino, foi um trabalho de suma importância que, de maneira humanizada, foi construída coletivamente e a participação de Antúrio foi adiante em todos os sentidos. Falando um pouco sobre essa experiência, pude avaliar o quanto foi importante para ele como pessoa, aluno e futuro professor.

Obrigada, Antúrio, por fazer parte desse jardim.

A próxima flor a ser regada no jardim de “Tanta Tinta” será Orquídea, flor muito apreciada pelas formas e cores gerada por uma planta que se apoia em outra, não por ser uma parasita, mas, uma flor cheia de coragem e atitude que se desloca do interior sergipano para trabalhar como doméstica. Filha de mãe solteira que sempre lutou pelo sustento e educação dos filhos e, vendo a necessidade de ajudar a mãe e os irmãos, após concluir o Ensino Médio, sem muita perspectiva, resolveu vir morar em Aracaju.

Já tinha realizado alguns vestibulares pela Universidade Federal de Sergipe na área de direito, mas não teve êxito, pois, não se encontrava preparada para enfrentar a concorrência com pessoas vindas de colégios renomados. Em seus relatos a mesma fala que:

o meu trabalho não me permitia tempo para estudar, daí surgiu a ideia de fazer um pré-vestibular com o intuito de ser aprovada em letras vernáculas e assim eu fiz, fiquei excedente. Reaproveitei as notas do Enem e concorri às vagas remanescentes para os cursos de Dança, Museologia, Teatro e as áreas de exatas como Física e Química (Orquídea, 2018).

Orquídea, ainda lembra que: “por questões de afinidade e por gostar muito da arte teatral, resolvi escolher Teatro, sendo aprovada na última colocação destinada naquela

ocasião”. Ao conhecer o curso, ficou apaixonada e, percebeu que: “não escolhi o teatro, foi ele que me escolheu”.

Já tendo cursado as disciplinas Montagens Didáticas I, II e III correspondente a grade curricular do curso¹⁶, acredita que essas tenham sido o alicerce na construção do fazer teatral, sendo cada um melhor que outro. Para Orquídea uma das maiores dificuldades encontradas foram os materiais porque os estabelecimentos públicos de ensino não disponibilizam materiais para a construção dos espetáculos, o que nos fortalece é a união e colaboração de todos para o crescimento do teatro e de nós enquanto discentes a caminho do campo profissional.

Na sua conclusão a mesma relata ainda que,

uma boa montagem depende de todos os envolvidos na produção da mesma e enquanto professor de teatro, quero dar o melhor de mim com exercícios para atuação nas produções teatrais. Sempre que posso, procuro me espelhar na Montagem Didática “Tanta Tinta” valorizando a carpintaria teatral, a poética de Cecília Meireles e o trabalho coletivo que de forma ativa, com a participação em massa do grupo, podemos apresentar esse maravilhoso espetáculo (Orquídea, 2018).

Grata por tudo, Orquídea. Continue embelezando o jardim de “Tanta Tinta”.

Margarida, flor branca de miolo amarelo que significa inocência, pureza, paz e afeto é assim que posso nomear a mais uma flor do esplendoroso jardim “Tanta Tinta”. Ela foi mobilizada pela paixão para as Artes Cênicas, em busca de desenvolver corpo, voz e ações, adquirindo assim autoconfiança e perdendo o medo de expressar-se.

Fez todas as disciplinas de Montagem Didática, mas foi a Montagem Didática II, da grade curricular do Curso, que a fez enxergar a importância de vivenciar o processo, enquanto discente usou os procedimentos criativos através de jogos e improvisações a partir do texto norteador para o processo de montagem de “Tanta Tinta”. Enquanto docente espelhando-se no resultado dessa experiência com o grupo e os procedimentos possibilitaram uma construção orgânica, possível de ser desenvolvida em diversos espaços educacionais.

Para ela a maior dificuldade encontrada foi a construção do corpo da personagem e para contornar tal dificuldade teve que pesquisar o assunto e jogos teatrais, tornando assim um resultado satisfatório, com empenho, ensaios e dedicação. Segundo a mesma, “a

¹⁶ A entrevista foi realizada posteriori a apresentação da peça Tanta Tinta.

responsabilidade para uma boa montagem depende de todos os envolvidos, sendo que o professor orientador leva o maior peso porque ele está à frente do processo didático”.

Margarida reflete que:

futuramente na posição de docente farei pesquisa de campo, leituras, jogos teatrais, discussão, vídeos e tudo que aborde o assunto da construção textual. A carpintaria teatral, em Tanta Tinta, foi definida pela coletividade dentro do que nos foi proposto, então tive a oportunidade de apresentar dentro da Universidade Federal de Sergipe por duas vezes, uma no Auditório da Vivencia e outro no Auditório da Reitoria (Margarida, 2018).

E afirma que como discente participei com o olhar de docente, “aproveitando o máximo para aplicar com os futuros alunos, fazendo uma reflexão enquanto cidadã, quero deixar bem claro que com esta experiência aprendi que o contato com a linguagem teatral, nos leva a crescer como pessoa” (Margarida, 2018).

Para ela, desenvolver trabalhos em grupo é se sair bem, em situações onde o imprevisto é exigido, é controlar as emoções e enriquecer seus conhecimentos, sendo assim, em meio a tantas leituras não consegue esquecer uma frase que leva sempre consigo que diz: “o teatro é um exercício e um meio de ampliar o repertório cultural de qualquer estudante, com isso busca sempre algo que possa lhe fazer crescer enquanto discente e futura professora de teatro” (Margarida, 2018).

Agradeço-te por ser símbolo de embelezamento em meio ao colorido do jardim.

Neste jardim também plantei Begônia, planta ornamental apreciada pela beleza de suas folhas e flores, tem como significado felicidade, delicadeza e cordialidade. Begônia foi mobilizada porque desde criança o teatro sempre esteve presente em sua vida, participava de projetos sociais os quais facilitou a escolher o curso de Licenciatura em Teatro, a mesma acredita que o teatro leva a subjetividade do corpo e da mente:

já havia cursado a disciplina Montagem Didática I e entende que tem grande importância tanto para o aluno como para o professor, pois a disciplina traz como objetivo trabalhar em sala de aula a metodologia, a didática assim como os autores que falem a respeito, as principais dificuldades foram o não comprometimento e assiduidade do coletivo, contornei a situação trabalhando com aqueles que realmente tinham responsabilidade e compromisso com o processo da montagem didática (Begônia, 2018).

Ela declara que o resultado foi proveitoso, e a responsabilidade de uma boa montagem depende dos indivíduos que fazem o coletivo, enquanto docente trabalharei com os alunos os teóricos, as questões de trabalho em grupo e a conscientização de que mesmo que

alguns não venham a atuar, a sua participação será importante para que esta montagem aconteça.

Toda a carpintaria teatral foi sugerida pela professora/diretora considerando a participação da/os aluna/os, que em trabalho colaborativo puderam produzir o espetáculo. “Participei de vários momentos, mas o principal foi quando fiz a bailarina uma criança com sonhos como qualquer outra delicada e chata (Begônia, 2018).

Foi assim que Begônia se enxergou ao longo do processo. Em agradecimento por fazer parte do jardim imaginário.

Queremos trazer a esse jardim um pouco de divindade, por isso, irei plantar uma flor chamada Camélia. Uma planta de efeito decorativo que produz belas flores, de cores diferentes, onde cada cor traz um significado. A cor Rosa significa beleza da alma, a branca alusão da beleza perfeita e a vermelha um sinal de reconhecimento.

Assim, cultivarei todas elas, em meu coração, em especial por ter sido mobilizada a princípio pela curiosidade pois, tinha mudado de cidade e de curso e, se apaixonou pelo teatro que lhes trouxe a oportunidade de conhecer o ser humano de maneira mais profunda e analítica, fez todas as disciplinas de Montagens Didáticas I, II e III. A mais importante entre elas foi a Montagem Didática II.

Camélia relata que:

enquanto discente, fui possibilitada a experimentar como ser vivente dessa transformação para que o processo da montagem funcionasse e, como discente, o aprendizado de que, de maneira diferenciada tornei-me agente transformador, as dificuldades eram a incerteza de que poderia dar certo e a falta de organização dos integrantes interessados (2018).

Como se tratava de adultos¹⁷, pessoas que, em tese, sabem exatamente o quê e quando fazer na hora certa, Camélia sempre procurou participar da melhor maneira possível para não tornar o processo mais complicado. Na sua visão, o resultado aconteceu do jeito que deu com pouco ensaio, muito improviso principalmente de figurino, cenário e até mesmo de texto, pois, no início a maioria deles não tinha comprometimento com a causa trabalhada.

Camélia menciona que a responsabilidade para uma boa montagem depende de todos os envolvidos, principalmente e especialmente de quem sugerir, pois, a partir da ideia inicial é

¹⁷ Eram alunas/o adultos, entretanto a Montagem Didática trazia personagens de crianças.

que vislumbramos no resultado. Considera que como futura professora vai sempre procurar ter um tema, fazer exercícios preparatórios bem definidos, além de deixar claro desde o princípio os seus desejos para obter um bom resultado.

Como a carpintaria teatral da montagem “Tanta Tinta” foi uma obra coletiva, partindo de uma ideia inicial trazida pela professora a qual fizemos uma viagem da essência textual que era o universo lúdico infantil onde resgatava nossa infância, a minha participação foi focada no cenário e formação da indumentária da minha personagem.

Camélia finaliza discorrendo que:

nessa disciplina aprendi muito sobre trabalho coletivo e suas dificuldades, principalmente no que diz respeito a lidar com as pessoas envolvidas, mas, ao mesmo tempo, foi bom trabalhar em conjunto para alcançar uma finalidade a qual me ensinou, por ter sido ouvida e ter as minhas opiniões acatadas, por isso ficará gravada por todo o sempre a minha participação (2018).

Pelo colorido significativo desse jardim, lhes serei grata.

Enquanto arquiteta e responsável por este maravilhoso jardim, sinto a necessidade de fazer-me presente, entre as flores plantadas cuidadosamente, neste lugar, as quais de forma carinhosa foram regadas com muito amor e se não for pedir demais desejo ser chamada de Flor de Cactos, uma flor resistente que floresce em regiões áridas, embelezando e enriquecendo os nossos sertões e supera todas as intempéries da natureza. São consideradas guardiãs, por serem purificadoras do ambiente.

Flor de Cactos: ajuda as pessoas a conhecerem sua força interior, em momentos de solidão. Eu escolhi ser esta flor por tudo que ela significa e assim sendo, me enxergo como tal, desde o primeiro momento, quando ingressei na graduação de Licenciatura em Teatro, até os dias atuais, em que de maneira responsável abracei o Curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2011. Penso que se eu tivesse sido mais nutrida por alguns/umas professores/as da universidade, eu teria desabrochado ainda mais, porque infelizmente eu sofri exclusão de várias formas, de alguns/umas deles/as e de alguns/a colegas e o meu TCC é resultado do que eu pude oferecer com respeito a minha formação no curso.

Ainda assim, embora desconsiderada em meu valor humano, por muitos/as, fui mobilizada por tudo que fazia, ou seja, eu trazia a minha experiência, como parte do corpo

docente de uma instituição pública de ensino da rede municipal por mais ou menos vinte e dois anos, mas, no curso eu era vista quase como um papel em branco. Essa constatação não me alegra, mas me fortalece, especialmente porque eu venci todas as etapas exigidas pela graduação.

E na busca constante pelo aperfeiçoamento, enquanto educadora, ia sempre assumindo e desenvolvendo tarefas que me levassem ao processo criativo das Montagens Didáticas, que foram os espaços em que pude contribuir com os meus conhecimentos e isso foi muito importante para mim.

Assim sendo, quero ressaltar que, principalmente, a Montagem Didática II, me trouxe muito aprendizado, tanto quanto aluna quanto futura professora de teatro. As dificuldades sempre aparecem em tudo que nos dispomos a fazer, mas procuramos contorná-las com empatia podendo visualizá-las e entender o melhor momento de COMO, QUANDO E ONDE podemos melhorar.

A responsabilidade para uma boa montagem depende do coletivo, que luta para alcançar os objetivos, inseridos na mesma os elementos contribuintes também são conhecidos como carpintaria teatral essa foi pensada de forma colaborativa tentando atender a perspectiva da montagem didática, artística e pedagógica assim sendo participei ativamente deste processo, dançando, tocando e cantando.

As providências tomadas para que completasse esse processo artístico, iniciava pela construção da personagem, seguido da carpintaria teatral, onde todos os participantes se doavam em busca da confecção de adereços, indumentárias e figurinos, enquanto aluna, quero dizer que a experiência dessa montagem foi valiosa e reflexiva, a ponto de incentivar o meu trabalho que é uma viagem em “Tanta Tinta”, um universo lúdico e criativo, vivido a base dos poemas infantis de Cecília Meirelles.

Portanto, a monografia “Tanta Tinta: Uma Experiência de Formação Artística e Pedagógica, vivenciada na disciplina Montagem Didática II” é o meu registro artístico e pedagógico, sobre a minha passagem no curso de Licenciatura em Teatro. Esta é a minha contribuição final. Como discente, em retribuição a tudo que vivi e aprendi durante essa trajetória.

CONCLUSÃO

Ao concluir essa monografia quero declarar que todas as sementes que plantei, nessa caminhada do curso de Licenciatura em Teatro, com ardor e determinação, produziram muitos e bons frutos, com sabor de amor, gratidão, aprendizados mútuos, crescimento pessoal e profissional e reconhecimento por tudo que o curso de teatro me proporcionou. E, embora tenha vivenciado muitas dificuldades durante minha trajetória acadêmica estou certa que cresci como discente e, particularmente, como mulher.

Por isso, compreendo ser necessário finalizar esse trabalho com algumas considerações importantes. Em forma de desabafo, quero lembrar a exclusão social que vivi durante esse curso, porque, também, foi um tempo de muitos preconceitos, rejeições, julgamentos precipitados e distanciamentos, tanto por parte de alguns/umas colegas de turma, quanto por alguns/umas professores/as, que nos inviabilizavam, a mim e a outras/os colegas que tinham idade superior a 36 anos, eu particularmente estava com 54, como se nós não tivéssemos um saber e uma história em nossas caminhadas.

Por sermos considerados de “idade avançada”, entre as/os alunas/as de 20 e poucos anos, recebemos o título pejorativo, de “tias/os”, numa alusão aos programas televisivos do nosso país, em que a apresentadora estimula essa prática de agregar valor emocional, esvaziando o valor simbólico no ofício de mestre. E, de igual maneira, também legitimado pela maioria das escolas de ensino fundamental e até mesmo entre as famílias.

Em nosso caso, além da questão da supremacia de uma faixa etária que nos excluía, também éramos abandonados em atividades coletivas, por não fazermos parte do mundo artístico do qual eles vieram, em alguns casos, ou pretendiam vir a pertencer. Eram jovens artistas, sonhadores, ambiciosos por adentrar ao universo teatral sergipano e se legitimarem como artistas do teatro, apenas esquecidos de que estavam, naquele contexto, para uma graduação de Licenciatura em Teatro, curso este que os preparariam para torná-los futuros professores de teatro. Assim sendo, nós não éramos “úteis” para, desse modo, termos acesso garantido ao grupo das/os alunas/os desses “jovens artistas” ou de professores “artistas”.

Portanto, não era um curso de Bacharelado em Teatro, como alguns alunos/as e professores/as pretendiam converter. Ou seja, havia um grupo que defendia que o curso de

Licenciatura em Teatro deixasse de existir e em seu lugar emergisse o curso de Bacharelado em Teatro, com o propósito de formação de ator/atriz. E isso se perpetuou por muitos anos, quando o curso se instalava no Campus de Laranjeira, SE.

Contudo, esses sujeitos excludentes não imaginavam, ou tiveram interesse de saber, que eu e algumas/uns colegas já tínhamos uma formação anterior, na área da educação, que já trabalhávamos com arte há muito tempo, em estabelecimentos públicos de ensino, em ONGs ou comunidades e que poderíamos e muito, contribuir naquela caminhada pedagógica. E, sobretudo, que nós trazíamos uma história de vida.

Nesse sentido, a minha mobilização para a escolha de uma pesquisa “Tanta Tinta: Uma Experiência de Formação Artística e Pedagógica, vivenciada na disciplina Montagem Didática II”, ocorreu, justamente porque a experiência vivenciada na disciplina Montagem Didática II, me possibilitou uma inserção em algum processo artístico e pedagógico e essa condição, para além de afirmar a minha autoestima, e, seguramente, da autoestima das/os colegas envolvido na construção desse processo, me permitiu contribuir na construção de um projeto colaborativo, à partir da minha subjetividade, das minhas memórias lúdicas e meus saberes e fazeres construídos ao longo da minha caminhada formativa, em outra graduação, no contexto da minha vida pessoal e, ainda no curso de Licenciatura em Teatro, do Departamento de Teatro, da UFS.

Como já disse na introdução desta monografia, aqui na sua finalização repito que a pesquisa desenvolvida na montagem didática “Tanta Tinta” teve uma grande relevância artística e pedagógica, sobretudo ao ensino-aprendizagem, tendo em vista a importância do processo colaborativo entre os sujeitos envolvidos. Através dos poemas infantis de Cecília Meireles, a encenação teatral trouxe o mundo poético das crianças. Esta é a sua maior importância e se justifica, justamente por considerar e legitimar o lugar da criança no processo da sua formação artística e pedagógica.

Ao final deste trabalho reflito que, através desta Montagem Didática, eu pude embarcar e pertencer a uma viagem lúdica promovida pelo universo poético de Cecília Meireles, também uma educadora. Eu pude ressignificar as minhas próprias memórias adormecidas, lúdicas e afetivas, as quais foram despertadas, até então oprimidas por um modelo opressor de sociedade, presente nas escolas de formação superior, em que apenas jovens têm o direito de fala, e em que alguns professores “protegem” os seus próprios interesses excluindo os sujeitos que não fazem parte das suas tribos.

Nesse processo colaborativo, ao contrário, eu pude existir e, definitivamente, pude contar essa história, amparada na estética artística e na ética humana, do carinho com todas as coisas que precisam ser cuidadas. Afinal, se o evento proposto e conduzido pela Profa. Benevides se colocou como via de ensino-aprendizagem e baseou-se em diversos conceitos da Montagem Didática, principalmente de poéticas artísticas, os objetivos foram atingidos, uma vez que é fato a importância da criação coletiva, os desafios apresentados e as dificuldades que os artistas docentes têm em trabalhar mediante o processo colaborativo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gina Carla. Entrevista oral concedida a Irabel Moraes Campos Soares. Aracaju. Jun. 2018.
- AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário soares amora de língua portuguesa**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- ARAÚJO, Antônio. **O processo colaborativo no Teatro de Vertigem**. PPGAC- Revista Sala Preta, v.17, n° 2, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57302/60284> Acesso em: 07 de abril 2018.
- AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- BENEVIDES, Lourdisnete Silva, **A Cidade em Mim**. Aracaju, 2017. EDISE – Editora Oficial do Estado de Sergipe.
- Bogdan, Robert. Apud. TRIVINOS, Augusto. VS. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- BOY, Tânia Cristina dos Santos. Estética da existência na formação do professor-artista. In: **URDIMENTO** – Revista de Estudos em Artes Cênicas – UDESC. Vol 1. Florianópolis: UDESC/CEART, 2008.
- DUARTE, Juliana de Oliveira. Teatro na primeira infância? uma investigação acerca de uma possibilidade metodológica de ensino do teatro para crianças de cinco e seis anos. UNB, 2001. Disponível: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4537/1/2011_JulianaDuartedeOliveira.pdf. Acesso em: 09 de maio de 2018.
- FERNANDES, Hercília. A lírica pedagógica de Cecília Meireles em ‘ou isto ou aquilo’ (1964) instrução e divertimento. In: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_26044/artigo_sobre_a-lirica-pedagogica-de-cecilia-meireles-em-ou-isto-ou-aquilo--1964---instruao-e-divertimento. Acesso em 20 de junho de 2018.
- FISHER, Stela Regina. **Processo colaborativo: experiência de companhias teatrais brasileiras nos anos 90**. Campinas: [s.n.], 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.
- JESUS, Ronison Costa. Entrevista oral concedida a Irabel Moraes Campos Soares. Aracaju. Jun. 2018.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. A encenação contemporânea como prática pedagógica. In: **URDIMENTO** – Revista de Estudos em Artes Cênicas/Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em teatro. Vol. 1, n 10 (Dez 2008). Florianópolis: UDESC/CEART Anual.

MEIRELES, Cecília. In: BENEVIDES, Nete. Tanta tinta. Apostilado, 2009.

MELO, Dayane Lima. Entrevista oral concedida a Irabel Moraes Campos Soares. Aracaju. Jun. 2018.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PIMENTA, Arlindo C. **Sonhar, Brincar, Criar, Interpretar.** Editora Ática, nº 2, 1993. P. 54 a 60.

SALUME, Celida Mendonça. **BARROS, ROSA E OUTRAS POESIAS: PROCESSO DE ENCENAÇÃO.** UFBA, 2012.

SAMPAIO, Marcos F. **Meu Filho Faz Teatro.** São Paulo, 1981. ALMED – Editora e Livraria Ltda.

SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. 2. v. São Paulo: Summus, 1978.

SANTANA, Janiêlda Santos. Entrevista oral concedida a Irabel Moraes Campos Soares. Aracaju. Jun. 2018.

SANTOS, Elaine Maria dos Santos. Entrevista oral concedida a Irabel Moraes Campos Soares. Aracaju. Jun. 2018.

TRIVINOS, Augusto. **VS. Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TOLLER, Paula. Outo anos. In: BENEVIDES, Nete. Tanta tinta. Apostilado, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Resolução 107/2011/CONEPE.

ANEXOS

ANEXO I:

Imagens do processo criativo e do produto cênico “Tanta Tinta”



Figura I: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura II: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura III: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura IV: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura V: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura VI: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura VII: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura VIII: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura IX: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura X: Imagem do Processo de Montagem de Tanta Tinta. Acervo de Mamutte Teixeira, 2016.



Figura XII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Josielma Lima, 2016.



Figura XIII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.



Figura XIV: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.



Figura XV: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.



Figura XVI: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Josielma Lima, 2016.



Figura XVII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.



Figura XVIII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.



Figura XIX: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Josielma Lima, 2016.

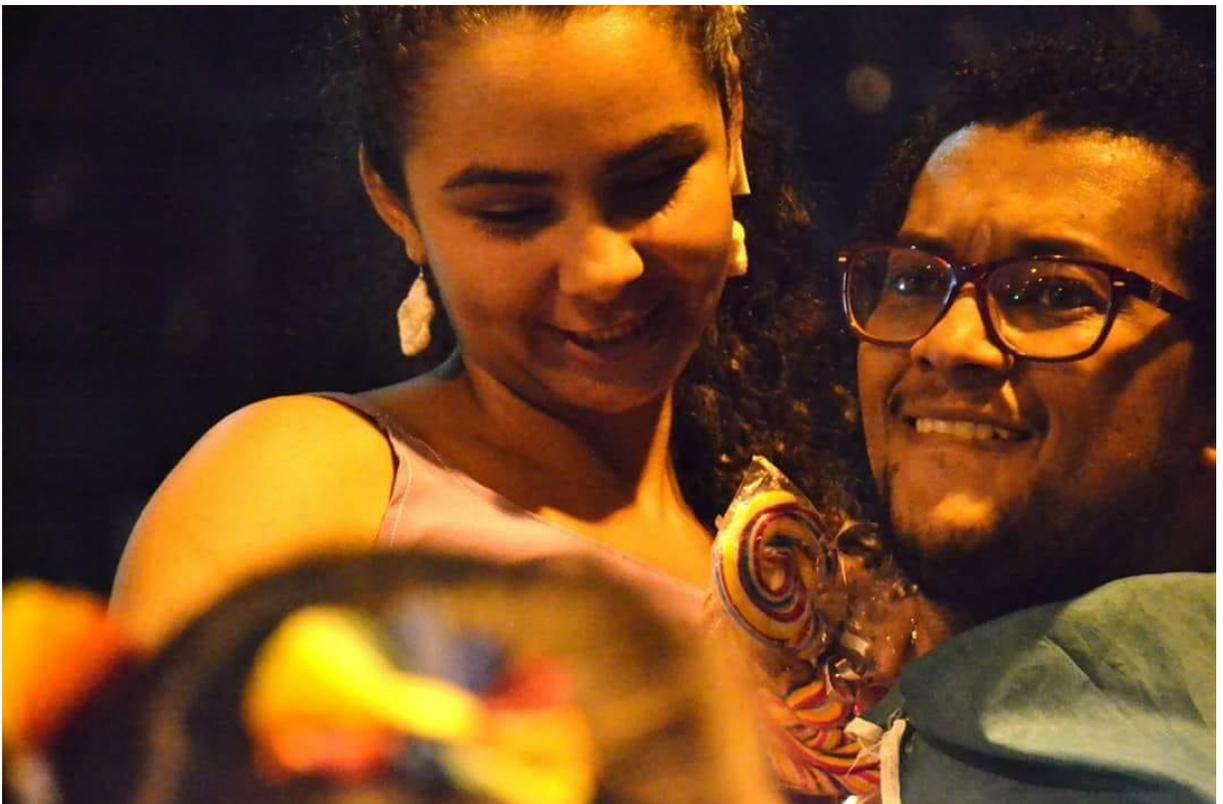


Figura XX: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Josielma Lima, 2016.



Figura XXI: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.



Figura XXII: Imagem do Espetáculo Tanta Tinta. Acervo de Alexandra Dumas, 2016.

Anexo II

Roteiro de Tanta Tinta

TANTA TINTA

ROTEIRO ADAPTADO TENDO COMO BASE POEMAS INFANTIS DE CECÍLIA MEIRELES

ADAPTAÇÃO LIVRE: NETE BENEVIDES

* A PEÇA SE INICIA COM O POEMA “OU ISTO OU AQUILO” ENQUANTO O ELENCO (CRIANÇAS) SE MOVIMENTA TENTANDO ENTENDER QUE DECISÃO TOMAR DIANTE DE DUAS OPÇÕES, OS VERSOS DO POEMA **OU ISTO OU AQUILO** SÃO DIVIDIDOS ENTRE AS CRIANÇAS:

OU SE TEM CHUVA OU NÃO SE TEM SOL,
 OU SE TEM SOL OU NÃO SE TEM CHUVA!
 OU SE CALÇA A LUVA E NÃO SE PÕE O ANEL,
 OU SE PÕE O ANEL E NÃO SE CALÇA A LUVA!
 QUEM SOBE NOS ARES NÃO FICA NO CHÃO,
 QUEM FICA NO CHÃO NÃO SOBE NOS ARES.
 É UMA GRANDE PENA QUE NÃO SE POSSA
 ESTAR AO MESMO TEMPO EM DOIS LUGARES!
 OU GUARDO DINHEIRO E NÃO COMPRO DOCE,
 OU COMPRO DOCE E NÃO GUARDO DINHEIRO.
 OU ISTO OU AQUILO: OU ISTO OU AQUILO...
 E VIVO ESCOLHENDO O DIA INTEIRO!
 NÃO SEI SE BRINCO, NÃO SEI SE ESTUDO,
 SE SAIO CORRENDO OU FICO TRANQUÍLO.
 MAS NÃO CONSEGUI ENTENDER AINDA
 QUAL É MELHOR: SE É ISTO OU AQUILO.

* EM SEGUIDA, DUAS CRIANÇAS EXCLAMAM: O VESTIDO DE LAURA!!! TODOS SE PERGUNTAM: COMO? O QUÊ? QUE VESTIDO?! VESTIDO DE LAURA? ENTÃO ELES DIZEM O POEMA **O VESTIDO DE LAURA**:

O VESTIDO DE LAURA

É DE TRÊS BABADOS,

TODOS BORDADOS.

O PRIMEIRO TODINHO,

TODINHO DE FLORES

DE MUITAS CORES.

NO SEGUNDO, APENAS
BORBOLETAS VOANDO,
NUM FINO BANDO.

O TERCEIRO, ESTRELA,
ESTRELAS DE RENDA
-TALVEZ DE LENDA...

O VESTIDO DE LAURA
VAMOS VER AGORA,
SEM MAIS DEMORA!

QUE AS ESTRELAS PASSAM,
BORBOLETAS, FLORES
PERDEM SUAS CORES.

SE NÃO FORMOS DEPRESSA,
ACABOU-SE O VESTIDO
TODO BORDADO E FLORIDO!

O RESTANTE DO ELENCO PARTICIPA ANIMADO E EMPOLGADO COM O VESTIDO COLORIDO. DEPOIS QUE UMA CRIANÇA VESTE O VESTIDO, TODOS SE LEVANTAM, MENINOS DE UM LADO E MENINAS DE OUTRO LADO, E CANTAM A MUSIQUINHA ABAIXO ENQUANTO A “CRIANÇA/BAILARINA” DANÇA: “A DANÇA DA BAILARINA A GENTE APRENDE A GENTE ENSINA, A DANÇA DA BAILARINA É PRA MENINO É PRA MENINA”. ENTÃO, UM DOS MENINOS DIZ O POEMA A **BAILARINA:**

ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.

NÃO CONHECE NEM DÓ NEM RÉ
MAS SABE FICAR NA PONTA DO PÉ.
NÃO CONHECE NEM MI NEM FÁ
MAS INCLINA O CORPO PARA CÁ E PARA LÁ.
NÃO CONHECE NEM LÁ NEM SI,
MAS FECHA OS OLHOS E SORRI.
RODA, RODA, RODA COM OS BRACINHOS NO AR
E NÃO FICA TONTA NEM SAI DO LUGAR.
PÕE NO CABELO UMA ESTRELA E UM VÉU
E DIZ QUE CAIU DO CÉU.
ESTA MENINA
TÃO PEQUENINA
QUER SER BAILARINA.
MAS DEPOIS ESQUECE TODAS AS DANÇAS,
E TAMBÉM QUER DORMIR COMO AS OUTRAS CRIANÇAS.

OS MENINOS SAEM DE CENA ENQUANTO AS MENINAS CANTAM: “A FLOR QUE A MENINA SONHA ESTÁ NO SONHO OU ESTÁ NA FRONHA, A FLOR QUE A MENINA SONHA ESTÁ NO SONHO OU ESTÁ NA FRONHA. TRÊS CRIANÇAS DIZEM O POEMA **SONHOS DA MENINA:**

A FLOR COM QUE A MENINA SONHA
ESTÁ NO SONHO?
OU NA FRONHA?

SONHO RISONHO:
O VENTO SOZINHO
NO SEU CARRINHO.

DE QUE TAMANHO
SERIA O REBANHO?

A VIZINHA
APANHA A SOMBRINHA
DE TEIA DE ARANHA...

NA LUA HÁ UM NINHO
DE PASSARINHO.

A LUA COM QUE A MENINA SONHA
 É O LINHO DO SONHO
 OU A LUA DE FRONHA?

DEPOIS TODAS AS MENINAS CANTAM E DANÇAM: “A VIZINHA PEGA A SOMBRINHA DE TEIA DE ARANHA, A VIZINHA PEGA A SOMBRINHA DE TEIA DE ARANHA”. DEPOIS SENTAM NO CHÃO ENQUANTO UMA DAS MENINAS FICA EM PÉ BRINCANDO COM TINTA, ENTRA UM MENINO E ELES DOIS CONTRACENAM DIZENDO O POEMA ENQUANTO AS OUTRAS CRIANÇAS, MENINOS (QUE RETORNARAM) E MENINAS SORRIEM OUVINDO O POEMA **TANTA TINTA:**

AH! MENINA TONTA,
 TODA SUJA DE TINTA
 MAL O SOL DESPONTA!
 (SENTOU-SE NA PONTE,
 MUITO DESATENTA...
 E AGORA SE ESPANTA:
 QUEM É QUE A PONTE PINTA
 COM TANTA TINTA?...)
 A PONTE APONTA
 E SE DESAPONTA.
 A TONTINHA TENTA
 LIMPAR A TINTA,
 PONTO POR PONTO
 E PINTA POR PINTA...
 AH! A MENINA TONTA!
 NÃO VIU A TINTA DA PONTE!

DEPOIS O MENINO VAI SE TROCAR (PORQUE ESTAVA CARACTERIZADO DE “ADULTO”, DEPOIS RETORNA) E A MENINA SENTA COM AS OUTRAS CRIANÇAS. ENTÃO AS CRIANÇAS SE OLHAM E SE FAZ UM MOMENTO REFLEXIVO/LÚDICO/PEDAGÓGICO INSPIRADO NA COMPOSIÇÃO OITO ANOS, DE PAULA TOLLER, AS CRIANÇAS PRETENDEM COMPREENDER SUAS EXISTÊNCIAS E SIMBOLOGIAS :

POR QUE VOCÊ É FLAMENGO
E MEU PAI BOTAFOGO? (Rogério)

O QUE SIGNIFICA
"IMPÁVIDO COLOSSO"? (Dudu)

POR QUE OS OSSOS DOEM
ENQUANTO A GENTE DORME? (Gi)

POR QUE OS DENTES CAEM? (Lidiane)

POR ONDE OS FILHOS SAEM? (Priscila)

POR QUE OS DEDOS MURCHAM
QUANDO ESTOU NO BANHO? (Ninna)

POR QUE AS RUAS ENCHEM
QUANDO ESTÁ CHOVENDO? (Paulo)

QUANTO É MIL TRILHÕES
VEZES INFINITO? (João)

QUEM É JESUS CRISTO? (Flávia?)

ONDE ESTÃO MEUS PRIMOS? (Sandy)

WELL, WELL, WELL

GABRIEL...

WELL, WELL, WELL

WELL (**aqui se faz uma grande brincadeira com pandeiro, todos!**)

POR QUE O FOGO QUEIMA? (Eva)

POR QUE A LUA É BRANCA? (Rita)

POR QUE A TERRA RODA? (Patrícia)

POR QUE DEITAR AGORA? (Dudu)

POR QUE AS COBRAS MATAM? (Ninna)

POR QUE O VIDRO EMBAÇA? (Sandy)

POR QUE VOCÊ SE PINTA? (Tetê)

POR QUE O TEMPO PASSA? (Eva)

POR QUE QUE A GENTE ESPIRRA? (Rita)

POR QUE AS UNHAS CRESCEM? (Paulo)

POR QUE O SANGUE CORRE? (Lidiane)

POR QUE QUE A GENTE MORRE? (Ciborgue)

DO QUÉ É FEITA A NUVEM? (João)

DO QUÉ É FEITA A NEVE? Flávia)

COMO É QUE SE ESCREVE

REVEILLÓN? (João)

UM MÚSICO/ATOR VEM AO CENTRO E FAZ UM PASSARINHO NO POEMA PASSARINHO NO SAPÉ ENQUANTO DUAS CRIANÇAS INTERPRETAM O POEMA AS DUAS VELHINHAS E CONTRACENAM MESCLANDO OS DOIS POEMAS ABAIXO ENQUANTO A TURMA DE MENINOS E MENINAS PARTICIPAM EM COROS DE “MARINA E MARIANA”:

O P TEM PAPO
O P TEM PÉ
É O P QUE PIA?

(PIU!)

QUEM É ?

O P NÃO PIA.

O P NÃO É.

O P SÓ TEM PAPO E PÉ.

SERÁ O SAPO?

O SAPO NÃO É.

(PIU!)

É O PASSARINHO
QUE FEZ O NINHO
NO SAPÉ.

PIO COM PAPO
PIO COM PÉ
PIU - PIU- PIU:
PASSARINHO
PASSARINHO NO SAPÉ.

DUAS VELHINHAS MUITO BONITAS,

MARIANA E MARINA,

ESTÃO SENTADAS NA VARANDA:

MARINA E MARIANA.

ELAS USAM BATAS DE FITAS,

MARIANA E MARINA.

E PENTEADO DE TRANÇAS:

MARINA E MARIANA.

TOMAM CHOCOLATE, AS VELHINHAS,

MARIANA E MARINA.

EM XÍCARAS DE PORCELANA,

MARINA E MARIANA.

UMA DIZ: “COMO A TARDE É LINDA,

NÃO É, MARINA?”

A OUTRA DIZ: “COMO AS ONDAS DANÇAM,

NÃO É, MARIANA?”

“ONTEM, EU ERA PEQUENINA”,

DIZ MARINA.

“ONTEM, NÓS ÉRAMOS CRIANÇAS”,

DIZ MARIANA.

E LEVAM À BOCA AS XICRINHAS,

MARIANA E MARINA,

AS XICRINHAS DE PORCELANA:

MARINA E MARIANA.

TOMAM CHOCOLATE, AS VELHINHAS,

MARIANA E MARINA.

E FALAM DE SUAS LEMBRANÇAS,

MARINA E MARIANA.

O MÚSICO/ATOR RETORNA AO ESPAÇO DOS MÚSICOS/ATORES, AO FUNDO DO PALCO ENQUANTO OS MENINOS SE TRANSFORMAM EM MOSQUITÕES E AS MENINAS TENTAM FUGIR DAS PICADAS ENQUANTO AS MENINAS DIZEM O POEMA **O MOSQUITO ESCREVE:**

O MOSQUITO PERNILONGO
 TRANÇA AS PERNAS, FAZ UM M,
 DEPOIS TREME, TREME, TREME,
 FAZ UM O BASTANTE OBLONGO,
 FAZ UM S.

O MOSQUITO SOBE E DESCE.
 COM ARTES QUE NINGUÉM VÊ,
 FAZ UM Q,
 FAZ UM U, E FAZ UM I.

ESTE MOSQUITO ESQUISITO
 CRUZA AS PATAS, FAZ UM T.
 E AÍ,
 SE ARREDONDA E FAZ OUTRO O,
 MAIS BONITO.

OH!

JÁ NÃO É ANALFABETO,
 ESSE INSETO,
 POIS SABE ESCREVER SEU NOME.

MAS DEPOIS VAI PROCURAR
 ALGUÉM QUE POSSA PICAR,
 POIS ESCREVER CANSA,
 NÃO É, CRIANÇA?

E ELE ESTÁ COM MUITA FOME.

AS CRIANÇAS CORREM MUITO E OUVEM-SE UMA VOZ QUE DIZ: "A MENINA PERGUNTA AO ECO ONDE ELE SE ESCONDE". TRÊS MENINAS PERGUNTAM: "ONDE"? O RESTANTE DO ELENCO FAZ O ECO: "ONDE, ONDE, ONDE?" A VOZ PERGUNTA "A MENINA PERGUNTA AO ECO SE ELE QUER SER SEU AMIGO".AS TRÊS MENINAS PERGUNTAM: "ECO QUER SER ME AMIGO?" ELES DIZEM O POEMA: **O ECO**

O MENINO PERGUNTA AO ECO
 ONDE É QUE ELE SE ESCONDE.
 MAS O ECO SÓ RESPONDE: "ONDE? ONDE?"

O MENINO TAMBÉM LHE PEDE:
 "ECO, VEM PASSEAR COMIGO!"

MAS NÃO SABE SE ECO É AMIGO
 OU INIMIGO.

POIS SÓ LHE OUVE DIZER:
"MIGO!"

TODOS CORREM, PEGAM GUARDA-CHUVAS NO CESTO DE BRINQUEDO E SE PROTEGEM DO TEMPORAL ENQUANTO DIZEM O POEMA: **O TEMPO DO TEMPORAL**, "FOFOCANDO" SOBRE AQUELA SITUAÇÃO:

O TEMPORAL DO TEMPO:
O TEMPO
DO TEMPORAL (PRISCILA).
O TEMPLO AO TEMPO (PAULO)
AO AR
E AO PÉ (GEO)
DO TEMPORAL (EDUARDO).
E O DOENTE AO PÉ DO TEMPLO (EVA E JOÃO).
E O TEMPORAL NO POENTE (LIDI).
E O PÓ NO DOENTE.

O TEMPO DO DOENTE.

.
O AR, O PÓ DO POENTE
O TEMPORAL DO TEMPO (GISELLE)

ENTÃO, UMA CRIANÇA DIZ O POEMA **O ÚLTIMO ANDAR**:

NO ÚLTIMO ANDAR É MAIS BONITO:
DO ÚLTIMO ANDAR SE VÊ O MAR.
É LÁ QUE EU QUERO MORAR.

O ÚLTIMO ANDAR É MUITO LONGE:
CUSTA-SE MUITO A CHEGAR.
MAS É LÁ QUE EU QUERO MORAR.

TUDO O CÉU FICA A NOITE INTEIRA
SOBRE O ÚLTIMO ANDAR
É LÁ QUE EU QUERO MORAR.

QUANDO FAZ LUA NO TERRAÇO
FICA TODO O LUAR.
É LÁ QUE EU QUERO MORAR.

OS PASSARINHOS LÁ SE ESCONDEM

PARA NINGUÉM OS MALTRATAR:
NO ÚLTIMO ANDAR.

DE LÁ SE AVISTA O MUNDO INTEIRO:
TUDO PARECE PERTO, NO AR.

É LÁ QUE EU QUERO MORAR:

(AS CRIANÇAS/ELENCO PERGUNTAM: ONDE? E UM DOS ATORES RESPONDE:)
NO ÚLTIMO ANDAR.

TODOS LEVANTAM E “SE EMPURRAM’ ENQUANTO CANTAM DEPOIS CANTAMOS E DANÇANDO COMO SE ESTIVESSEM MARCHANDO DIZEM: “ 1,2 FEIJÃO COM ARROZ, 3, 4 COMIDA NO PRATO...” E DEPOIS : “MARCHA SOLDADO. CABEÇA DE PAPEL. SE NÃO MARCHAR DIREITO. VAI PRESO PRO QUARTEL. O QUARTEL PEGOU FOGO. A POLÍCIA DEU SINAL. ACORDA ACORDA ACORDA...”

UM DOS MÚSICOS/ATOR VAI AO CENTRO E DEPOIS DE DAR ORDEM DE “SENTIDO” DIZ:
A PROCISSÃO DE PELÚCIA:

AONDE VAI O PRAÇA

QUE PASSA DE PELICA,

COM PRESSA,

NA PRAÇA?

A POR UMA COMPRESSA

DEPRESSA

NO REI DA PRÚSSIA?

MAS O PRAÇA

NÃO SABE O PREÇO

PARA IR DA PRAÇA

A PRÚSSIA.

E NÃO HÁ PRÚSSIA

NEM PRAÇA

NEM PELIÇA

NEM COMPRESSA

NEM PRAÇA

NEM PREÇO

NEM PRESSA...

HÁ UMA PROCISSÃO

QUE PASSA

QUE PASSA NA PRAÇA

SÓ COM PRECES

DE PELÚCIA.

ELE DIZ OUTRA VEZ: SENTIDO! TODOS SE PERFILAM E DEPOIS AO TOQUE DE UM PANDEIRO TODOS RIEM E SE INICIA UM SAMBA DE COCO/UMA EMBOLADA E O ELENCO DANÇA EM CÍRCULO ATÉ QUE FORMAM UM MEIO CÍRCULO E CADA UM VAI AO CENTRO, DANÇANDO E AO CENTRO DIZEM SEUS VERSINHOS:

1ª CRIANÇA: OH! PEQUENINA JABUTICABEIRA QUANDO TU SE DESPEQUENINA JABUTICABEIRARIZARÁ? EU PEQUENINA JABUTICABEIRA ME DESPEQUENINA JABUTICABEIRARIZAREI.

QUANDO TODAS AS JABUTICABEIRAS PEQUENINAS SE DESPEQUENINA JABUTICABEIRARIZAREM.

ALGAZARRA!!!

2ª CRIANÇA: A VIDA É UMA SUCESSIVA SUCESSÃO DE SUCESSÕES QUE SE SUCEDEM SEM SUCEDER O SUCESSO.

ALGAZARRA!!!

3ª CRIANÇA: O DOCE PERGUNTOU PRO DOCE QUAL É O DOCE MAIS DOCE QUE O DOCE DE BATATA DOCE. O DOCE RESPONDEU PRO DOCE QUE O DOCE MAIS DOCE QUE O DOCE DA BATATA DOCE É O DOCE DE DOCE DE BATATA DOCE...

ALGAZARRA!!!

4ª CRIANÇA: O TEMPO PERGUNTOU PRO TEMPO, QUANTO TEMPO O TEMPO TEM, O TEMPO RESPONDEU PRO TEMPO...

ALGAZARRA!!!

5ª CRIANÇA: ATRAS DA PORTA TEM UMA PORCA MORTA

ALGAZARRA!!!

6ª CRIANÇA: BATATINHA QUANDO NASCE...

ALGAZARRA!!!

GARGALHADAS...

7ª CRIANÇA: O PEITO DO PÉ DE PEDRO É PRETO, QM DISSER Q O PEITO DO PÉ DE PEDRO É PRETO, TERÁ O PEITO DO PÉ MAIS PRETO Q O PEITO DO PÉ DE PEDRO!!!

ALGAZARRA!!!

8ª CRIANÇA: EM CIMA DA MESA TEM UM JARRO, DENTRO DO JARRO TEM UMA ARANHA.

QUANDO A ARANHA ARRANHA O JARRO.

O JARRO ARRANHA A ARANHA.

ALGAZARRA!!!

9ª CRIANÇA: NÃO CONFUNDA ONITTORINCO COM OTORRINOLARINGOLOGISTA. Porque OTORRINOLARINGOLOGISTA é OTORRINOLARINGOLOGISTA. E ONITTORINCO É ONITTORINCO.

ALGAZARRA!!!

10-ª CRIANÇA: SE 6 SERRAS SERRAM 66 CEREJEIRAS 66 SERRAS, SERRAM 666 CEREJEIRAS!!!

ALGAZARRA!!!

DEPOIS VEM UMA CRIANÇA AO CENTRO E DIZ:

“UM SAPO DENTRO DE UM SACO
UM SACO COM UM SAPO DENTRO
UM SAPO BATENDO PAPO
E O PAPO CHEIO DE VENTO”

TODOS RIEM E FAZEM ALGAZARRA!!!

OUTRA CRIANÇA DIZ:

“NO COMEÇO AQUI NA UFS
ERA MUITA CONFUSÃO
TINHA SAPO, TINHA PEDRA
APARECIA ATÉ LADRÃO
MAS AGORA A COISA MUDA, VEJA QUE APRESENTAÇÃO”.

TODOS RIEM E FAZEM ALGAZARRA!!!

OUTRA CRIANÇA DIZ:

“O CAMPUS INAUGUROU
AGORA NÃO TEM MAIS LEZEIRA
FIQUE ATENTO MEU AMIGO
QUE ESSA RODA É DE PRIMEIRA”

TODOS RIEM E FAZEM ALGAZARRA!!!

FIM!!!